

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

RAFAEL VIGENTIN

**EXPERIÊNCIAS E SENTIDOS DA PARTICIPAÇÃO JUVENIL NA
CONTEMPORANEIDADE:**

Um estudo do Levante Popular da Juventude na cidade de Sorocaba-SP

Sorocaba
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

RAFAEL VIGENTIN

**EXPERIÊNCIAS E SENTIDOS DA PARTICIPAÇÃO JUVENIL NA
CONTEMPORANEIDADE:**

Um estudo do Levante Popular da Juventude na cidade de Sorocaba-SP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação para obtenção do
título de mestre em Educação.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Maria Carla Corrochano

Sorocaba
2016

Vigentin, Rafael

Experiências e sentidos da participação juvenil na contemporaneidade: Um estudo do Levante Popular da Juventude na cidade de Sorocaba-SP / Rafael Vigentin. -- 2016.
115 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador: Maria Carla Corrochano

Banca examinadora: Dr^a. Dulcinéia de Fátima Ferreira, Dr^a. Erica Peçanha do Nascimento

Bibliografia

1. Juventude. 2. Educação. 3. Movimentos Sociais. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

RAFAEL VIGENTIN

EXPERIÊNCIAS E SENTIDOS DA PARTICIPAÇÃO JUVENIL NA
CONTEMPORANEIDADE:

Um estudo do Levante Popular da Juventude na cidade de Sorocaba-SP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, para obtenção do título de mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Comunidade e Movimentos Sociais. Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba. Sorocaba, 25 de Fevereiro de 2016.

Orientadora:

Dr^a. Maria Carla Corrochano
Universidade Federal de São Carlos

Examinadora:

Dr^a. Dulcinéia de Fátima Ferreira
Universidade Federal de São Carlos

Examinadora:

Dr^a. Erica Peçanha do Nascimento
Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Eu dedico esse trabalho a todos que contribuíram para que ele se concretizasse, em especial à minha orientadora, Maria Carla Corrochano, pela sua atenção e dedicação durante os dois anos de pesquisa. Dedico também aos companheiros do Levante Popular da Juventude, que permitiram que eu acompanhasse suas atividades e me deram todo o auxílio e informações necessárias para essa análise. Agradeço às professoras Dulcinéia de Fátima Ferreira e Érica Peçanha do Nascimento, que estiveram em minha banca de qualificação e de defesa, contribuindo significativamente para o aperfeiçoamento desse trabalho. Também agradeço à minha esposa, Silvania Maria Chaves, pelo companheirismo e motivação nos momentos de dificuldades.

RESUMO

Este trabalho analisa as formas de participação juvenil em um movimento social de jovens na cidade de Sorocaba. O objetivo foi contribuir para as discussões a respeito da participação juvenil e refletir a respeito dos processos educativos que ocorrem nesses espaços. A pesquisa foi realizada no período de dois anos utilizando o método de pesquisa qualitativo, observando a relação dos jovens com o movimento e do movimento com a cidade. A pesquisa bibliográfica está baseada principalmente nos autores que trabalham com a sociologia da juventude, resgatando a construção histórica do que é a juventude, a relação dos jovens com a sociedade, as representações sociais e sua atuação enquanto sujeitos sociais e históricos. Buscou-se analisar a relação do jovem com a política, as dificuldades de serem reconhecidos enquanto atores políticos e algumas de suas principais atuações ao longo da história. É realizada uma análise das formas de participação mais atuais, considerando principalmente nas novas ações coletivas, que assumem características de organização mais fluídas, horizontais, em redes e com forte diálogo com aspectos culturais. Apresentamos uma breve história do Levante Popular no Brasil, o contexto de seu surgimento, sua estrutura de organização e principais ações no país, seguido pela história do movimento na cidade de Sorocaba, descrevendo seus principais feitos, sua dinâmica de funcionamento, mas também seus conflitos e contradições. Por fim, buscamos compreender os sentidos da participação, analisando suas trajetórias de vida, a chegada na vida política e a relação dos jovens com o movimento, percebendo que os sentidos de participar de um movimento social não é apenas representado por questões ideológicas e afinidades políticas, mas pelo movimento se constituir como um espaço de amizades, construção de identidades e sociabilidades.

Palavras-chave: JUVENTUDE. PARTICIPAÇÃO. MOVIMENTOS SOCIAIS. PROCESSOS EDUCATIVOS.

ABSTRACT

This paper analyzes the participations ways in a social movement of young people in Sorocaba city. It aims to contribute to the discussions about the young people participation and to reflect about educational respect processes that occur in these spaces. The research has been taken place for two years and it was used qualitative method, and it was observed the young people relation with the movement and the movement with the city. The bibliographic research is based on, specially, authors that study about sociology during the youth, bringing back the historical construction what youth is about, the relation between young people and society, the social representation and their attitude as social and historical subjects. It was analyzed the relation of young people with the politics, the difficulties about being recognized as political authors and some of their main actions through the history. It was done an analyze about the most present participation ways, considering, mainly, in the new collective actions, that assume characteristics of more fluid and horizontal organization, in nets and with strong dialogue with cultural aspects. We present a brief story about the Levante Popular no Brasil, the context and how it begot, its structure of organization and its main actions through the country, followed by the story of the movement in Sorocaba city, describing its main acts, its working dynamic, but also its conflicts and contradictions. Finally, We tried to understand the participation sense, analyzing its life trajectory, the coming to the political life and the relation of the young people with the movement, noticing that the sense of participating of a social movement is not only presented by ideological politics, but by the movement of constituting a space for friendship, construction of identities and sociability.

Key-words: YOUTH. PARTICIPATION. SOCIAL MOVEMENTS. EDUCATIONAL PROCESSES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Ocupações das escolas estaduais de Sorocaba.

Figura 2- Acampamento Nacional do Levante Popular da Juventude

Figura 3- Ato em São Paulo contra os torturadores de Dilma Rouseff

Figura 4- Ato em São Paulo contra os torturadores de Dilma Rouseff

Figura 5- Ato em memória aos mortos do El Dourado dos Carajás

Figura 6- Frente Contra Catraca Sorocaba

Figura 7- Plebiscito pela constituinte exclusiva

Figura 8- Carnaval da Constituinte

Figura 9- Ato em memória aos mortos da ditadura militar

Figura 10- Ocupação do prédio antigo prédio da CPFL

Figura 11- Ocupação do prédio antigo prédio da CPFL

Figura 12- Sarau da ocupação

Figura 13- Vídeo 'Nós por nós'- LPJ Sorocaba

Figura 14- Semana de debates na escola AVC

Figura 15- Ato contra o reajuste de mensalidades UNISO

Figura 16- Acampamento estadual do Levante São Paulo

Figura 17- Notícia sobre a ocupação da rodovia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
Capítulo 1- Perspectivas teóricas sobre a condição juvenil.....	10
1.1 A juventude como categoria social	10
1.2 Jovens, participação política e ações coletivas.....	15
1.3 Ações coletivas juvenis nos anos 2000.....	22
Capítulo 2- Levante Popular da Juventude: a pesquisa e o movimento....	29
2.1 Caminhos da pesquisa e procedimentos metodológicos.....	29
2.2 A constituição do Levante Popular da Juventude no Brasil.....	32
2.3 Levante Popular da Juventude de Sorocaba	38
2.4 Levante Popular da Juventude, uma nova forma de participação juvenil?.....	58
Capítulo 3 - Os sentidos da participação.....	66
3.1 O Levante na vida e a vida no Levante.....	67
3.2 Levante Popular da Juventude: motivações, desafios e dificuldades de ser jovem e fazer política.....	73
Considerações finais.....	93
Referências.....	97

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca compreender o movimento Levante Popular da Juventude¹, na cidade de Sorocaba, a partir do enfoque sociológico sobre juventude, tendo como objetivo uma acentuada reflexão em torno dos processos educativos que ocorrem com a participação juvenil na contemporaneidade nos movimentos sociais. O Levante Popular da Juventude é um movimento social constituído por jovens que surgiu no ano de 2006, no Rio Grande do Sul, que está presente em todo o país e que atua nas universidades, nos centros urbanos e no meio rural, defendendo bandeiras dos movimentos sociais do campo político da esquerda.

Trata-se de uma produção qualitativa realizada no período de dois anos, observando a relação dos jovens com o movimento social e deste com a cidade, por meio de pesquisa de campo, envolvendo participação em reuniões, planejamentos, manifestações, em atividades de formação, acampamento, em redes sociais, além da aplicação de doze questionários e da realização de cinco entrevistas de caráter semi estruturado com integrantes do movimento.

Meu primeiro contato com o movimento deu-se durante um evento sobre '50 anos do golpe de 1964', realizado pelo fórum Café & Educação em parceria com o Sindicato dos Metalúrgicos, na cidade de Sorocaba, quando o LPJ realizou uma intervenção teatral sobre o período militar. Escolhi estudá-lo porque se trata de um movimento juvenil que atua em diversos espaços da cidade: universidades, escolas de nível básico, especialmente de ensino médio, nas ruas, organizando manifestações, inclusive inserindo-se recentemente na política nacional, em um contexto de novas ações coletivas a partir de 2012.

O objetivo de estudar um movimento social protagonizado por jovens está bastante relacionado às minhas trajetórias acadêmica, profissional e política. A formação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina

¹ Doravante também chamado LPJ.

possibilitou-me ter um contato maior com a temática dos movimentos sociais e, como militante político, estar próximo da temática juventude na função de presidente do Conselho Municipal do Jovem da cidade de Sorocaba, pela qual aproximei-me de diversos movimentos sociais juvenis. Também minha atuação profissional, enquanto professor de Sociologia da rede pública estadual, na qual trabalho com estudantes de ensino médio, permitiu-me refletir sobre os limites da educação escolar e o papel que os espaços não-escolares cumprem no processo educativo das novas gerações.

No entanto, por que acolhi um estudo sobre movimento social em uma pesquisa em educação? O fato é que a escola, que se configurou com uma das principais instituições tradicionais de socialização, já não possui mais o monopólio da formação cultural, passando a compartilhar com outros atores e espaços esse papel (SPOSITO, 2003). Estudar os movimentos juvenis abriu-me a possibilidade de compreender novas formas e experiências educativas que ocorrem para além do mundo escolar, inclusive aquelas intensamente presentes nos movimentos sociais.

A sociedade passou por transformações significativas. Ocorreram mudanças de ordem econômica, tecnológica, cultural e política que afetaram as instituições que tradicionalmente se vinculavam ao processo de socialização, tais como a família e a escola. A criação e expansão de novos meios de comunicação, resultando em maior difusão de informações – ainda que de maneira desigual, a maior presença das mulheres no mercado de trabalho e transformações nas dinâmicas familiares são algumas dentre várias mudanças que, com todos os seus avanços e contradições, têm contribuído para ampliar a presença de outros espaços na vida dos indivíduos.

Para a melhor compreensão de tal fenômeno é necessário estender o foco da pesquisa para além das instituições socializadoras tradicionais, principalmente quando se trata de processos educativos, sendo necessário olharmos para fora da escola, buscando observar outras maneiras em que os indivíduos se constituem enquanto sujeitos, avançando de uma sociologia da escolarização para uma sociologia da socialização (SIROTA, 2001).

Nesse sentido, há um debate epistemológico sobre como o conhecimento é produzido no mundo contemporâneo, que reconhece a importância dos espaços não acadêmicos e dos movimentos sociais como produtores de conhecimento. Os movimentos também produzem saberes que não se encontram nas escolas, nas universidades ou nos gabinetes dos partidos, considerando a perspectiva de uma ecologia de saberes (SANTOS 2007).

Portanto, como a escola não tem o monopólio do processo educativo e a educação ocorre em diversos ambientes da cidade, entre eles os espaços de interação política, estudar a juventude em sua interface com os movimentos sociais é uma forma de contribuir para melhor compreender o modo como se desenvolve o processo. Ainda assim, na contramão dessa perspectiva, é muito comum em pesquisas sobre juventude ocorrer um direcionamento voltado para o espaço escolar, que tem sua parcela de importância, mas que não deve implicar na exclusividade de um olhar, deixando de lado outras dimensões da realidade (SPOSITO, 2010).

Há novas formas de participação política juvenil que traduzem aspectos organizativos, envolvendo dimensões culturais, participação virtual e novos formatos de agrupamentos, que coexistem com modelos tradicionais de atuação juvenil (CARRANO, 2012). Nessa análise sobre o LPJ, almeja-se compreender a atuação dessa organização frente a esses modelos de participação, o que tem feito e a maneira como tem feito. Aspectos esses que possibilitam melhor entendimento sobre as mudanças e também permanências nos caminhos da participação política juvenil.

Assim esse trabalho é constituído por três capítulos, além dessa introdução. No primeiro capítulo - Perspectivas Teóricas sobre a Condição Juvenil- serão tratadas as questões teóricas que envolvem discussões a respeito da juventude. O capítulo é introduzido com um breve debate sobre a construção histórica e social dessa categoria, bem como as várias concepções de juventude que perpassam a realidade brasileira. Ao mesmo tempo, também serão consideradas as marcas das desigualdades de classe social, gênero, cor/raça e região de moradia inscritas nas trajetórias juvenis. Em um segundo momento, será focalizado o debate sobre as novas formas de organização

política, promovendo a discussão entre a organização dos movimentos sociais e ações coletivas juvenis.

No segundo capítulo - Levante Popular da Juventude: a pesquisa e o movimento – serão apresentadas, inicialmente, breves considerações sobre as pesquisas e os procedimentos metodológicos adotados. Em seguida, o cerne será a história do Levante Popular da Juventude. Num primeiro momento, serão apresentadas suas características, organização e formas de atuação em nível nacional, para posteriormente focalizar o LPJ na cidade de Sorocaba, retratando suas performances em diversos espaços de ação, tais como universidades e faculdades, periferias, centros urbanos, escolas públicas e redes sociais. E mesmo com o trabalho de campo já finalizado, ainda foi possível observar e tecer considerações sobre a atuação do levante em algumas escolas públicas da região no momento das ocupações das escolas de ensino médio por estudantes contrários à proposta de reorganização² escolar ocorridas no final de 2015. Nesse capítulo, também será apresentada uma breve análise sobre o perfil dos integrantes do LPJ na cidade, considerando faixa etária, escolaridade, sexo, cor/raça, estado civil e renda.

No terceiro e último capítulo - Os Sentidos da Participação: o Levante na Vida e a Vida no Levante – será apresentada uma síntese das cinco entrevistas realizadas com alguns integrantes do movimento, além de uma análise sobre as motivações que levam jovens a participar do Levante, o caráter formativo de participar de um movimento social e os desafios e dificuldades de ser jovem e participar da política.

Espera-se que esse trabalho contribua efetivamente para compreensão dos modos de atuação do Levante na cidade de Sorocaba no contexto de novas formas de participação política. Que seja capaz ainda de

² No ano de 2015, no estado de São Paulo, alunos de escolas públicas ocuparam mais de 250 escolas por todo o estado, em decorrência do processo de reorganização apresentado pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB), que visava criar uma política de ciclo único e fechar 94 escolas.

abarcando suas tensões e contradições, assim como expor a dimensão educativa dos movimentos.

1. PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE A CONDIÇÃO JUVENIL

1.1 Juventude como categoria social

Existem, na sociedade, várias concepções e opiniões difundidas a respeito do que é a juventude, muitas vezes compreendida como “estado de espírito”, “vigor”, “faixa etária”, “fase de transformações biológicas”, etc. Não é possível estabelecer uma definição universal do que seja a juventude, pois além dos aspectos biológicos, há aspectos culturais, sociais e históricos que devem ser considerados. Portanto, a juventude não é um fenômeno puramente natural, mas uma construção social e histórica. (PERALVA, 1997)

Nós sabemos hoje que as idades da vida, embora ancoradas no desenvolvimento bio-psíquico dos indivíduos, não são fenômenos puramente naturais, mas social e histórico, datado, portanto, e inseparável do lento processo de constituição da modernidade, do ponto de vista do que ela implicou em termos de ação voluntária sobre os costumes e os comportamentos, ou seja naquilo que ela teve de intrinsecamente educativo (PERALVA, 1997, p.15).

A noção de juventude foi constituída entre os séculos XIX e XX, a partir das instituições que passam se preocupar com a “[...] proteção dos indivíduos ainda não maduros e diagnosticados em suas fragilidades [...] entre as quais as instituições escolares, as ciências modernas, o direito, o Estado e o mundo do trabalho industrial.” (GROPPO, 2000, p.77).

Nesse período, a concepção de juventude começa a aparecer no momento em que o Estado assume o controle do processo educativo e torna a escola uma instituição universal e obrigatória, sendo organizada através da separação entre seres adultos e seres em formação, dando se início a um processo de institucionalização de diferentes fases da vida (PERALVA, 1997).

Foi com a difusão da escolarização que uma ampla parcela da população infantil foi subtraída do mundo do trabalho, retardando a entrada na

idade adulta (ARIÉS, 1981). Esse processo não ocorreu de forma homogênea, alcançou primeiramente os jovens das famílias burguesas, que mais rapidamente tiveram acesso à educação em comparação aos jovens das famílias trabalhadoras, e os jovens do sexo masculino, uma vez que as mulheres se inseriram mais tardiamente no processo, por conta de principiarem laços matrimoniais antes dos homens.

Pode-se dizer que a juventude se constitui ao mesmo tempo, enquanto uma representação social, com a sociedade atribuindo diversos significados do que é a juventude, passando por um recorte histórico-geracional, podendo alterar-se (ou não) algumas projeções conforme o momento histórico. Por outro lado deve-se ressaltar que os jovens são sujeitos concretos, com modos diversos e desiguais de inserção na estrutura social, o que diferencia a experiência de ser jovem conforme situações relacionadas à classe, gênero, etnia, etc. (ABRAMO, 1997, DUBET, 1996)

Considerando as representações sociais em torno do conceito de juventude, pode-se afirmar que são bastante variadas e até mesmo contraditórias, coexistindo e competindo entre si em diferentes campos (ABRAMO, 1997). Segundo Krauskopf (1998), as principais representações que orientam as ações dirigidas aos jovens são: 1) A juventude como período preparatório; 2) A juventude como etapa problemática; 3) O jovem como setor estratégico do desenvolvimento; e 4) Os jovens como sujeitos de direitos (DINA KRAUSKOPF, 1998).

A primeira visão - juventude como período de preparação - é sustentada pela ideia da moratória social, em que a juventude seria um período de experimentações, de tentativas e erros que poderiam romper com o conformismo da vida adulta. Nela, a juventude aparece como “[...] um tempo de permissividade, de diversão sem reservas, de busca de intensidade, prazer e liberdade, de irreverência em relação às instituições e valores do mundo adulto” (ABRAMO, 1994, p. 39).

Calcada nessa concepção, na década de 1960 tivemos uma grande difusão de produtos, símbolos, marcas, propagandas e produções culturais

associados à juventude pela indústria cultural que contribuiu para a formação de uma visão romântica dessa fase da vida e da moratória social.

O problema da moratória social é que esta esconde a negação do exercício dos direitos da juventude, já que considera esse momento da vida como um momento de imaturidade (KRUSKOPF, 2004), enxergando o jovem na condição de transitoriedade, de “vir a ser”, reforçada pela ideia deste enquanto solução para o futuro, quando os jovens “existirão” na condição de adultos (DAYRELL, 2007).

Essa visão ainda está fortemente presente nas instituições de ensino que concebem os jovens somente na condição de alunos, indivíduos homogeneizados pela perspectiva da escola, a qual tem como tarefa prioritária a preparação para um futuro profissional. Dessa forma, a condição juvenil se expressaria nas dificuldades dos jovens vivenciarem a juventude em uma sociedade que não os enxerga enquanto sujeitos sociais, mas sim como uma categoria em transição, que deve vivenciar esse momento como uma preparação para a fase adulta.

A segunda visão, a juventude como etapa problemática, foi mais presente no Brasil principalmente nas décadas de 1980 e 1990 (ABRAMO, 2005), que compreende o jovem como aquele que tem dificuldade de se integrar, que resiste à socialização e não se enquadra nos padrões pré-estabelecidos pela sociedade (PERALVA, 1997).

No campo das políticas públicas, tal percepção aparece em ações que envolvem a questão da juventude e cidadania, tanto pela formulação de políticas públicas voltadas aos jovens, quanto nas discussões realizadas por instituições que têm como público alvo os jovens e que, geralmente, trabalham na perspectiva dos ‘problemas’ juvenis, como questões relacionadas às drogas, violência, doenças sexualmente transmissíveis, etc. (ABRAMO, 1997).

A terceira visão é aquela que aposta na juventude enquanto solução para os problemas, construindo uma imagem ‘positiva’ da mesma, em que a participação juvenil representaria a solução para os problemas do presente e do futuro, depositando nessa uma alta carga de responsabilidade social (ABRAMO, 1997). Porém, essa perspectiva traz consigo a contradição de que “[...] mesmo

para esses setores, os jovens aparecem mais como uma fonte de energia utópica do que sujeitos capazes de levar a cabo efetivamente tal transformação.” (ABRAMO, 1997, p.31).

O problema de todas essas projeções sociais com relação aos jovens está no fato de serem estabelecidos padrões ou modelos de ser jovem, enfatizando os aspectos que lhes faltam para se enquadrar aos padrões de juventude que foram projetados socialmente (DAYRELL, 2006).

A quarta e última visão, que compreende os jovens como ‘sujeitos de direitos’ - visão da qual compartilha esse trabalho - implica no reconhecimento de sua condição de sujeitos, com capacidade de expressar suas demandas e vivenciar sua juventude (ABRAMO, 2005). Essa concepção compreende os jovens como sendo plurais e diversos, reconhecendo que há especificidades nesse momento da vida, contudo sem criar estereótipos ou atribuir responsabilidades que não devem exclusivamente ser atribuídas aos mesmos, tais como aumento da violência ou baixa participação política. Cuidando-se ainda em não reduzir a juventude a um período de preparação para o futuro.

[...] considerando os jovens como “sujeitos de direito”, evita-se generalizações frágeis que produzem o entendimento de que a juventude é uma faixa-etária problemática (seja como principal vítima dos problemas socioeconômicos do país, seja como expressão maior do individualismo consumista do mundo atual). Evita-se também sua idealização como a única protagonista da mudança, em uma nova interpretação heróica de seu papel mítico. Como “sujeito de direitos”, universais e específicos, a juventude não só refletirá a sociedade, mas está desafiada a reinventá-la. Compreender estas especificidades é essencial para a elaboração e implementação de políticas públicas de juventude. (NOVAES, 2007, p. 09)

Ao reconhecermos os jovens como sujeitos concretos, devemos considerar que as condições sociais entre eles não são as mesmas e que, a depender da classe social, sexo e orientação sexual, cor/raça, viverão a sua juventude de forma distinta e, muitas vezes, desigual. O período de moratória

social, por exemplo, que corresponde a um prazo que permite aos jovens não ter tantas exigências e responsabilidades enquanto estudam e completam a maturidade, quando acessado pelos jovens das classes populares, será menor do que a dos jovens de classe média. (MARGULIS, 1996).

O jovem negro da periferia vivenciará sua juventude em condições muito desiguais quando comparado a um jovem branco pertencente à classe média, por exemplo. Além de deparar-se com mais dificuldades para completar seu processo de escolarização, ingressar mais cedo no mercado de trabalho, também terá que lidar com condições sociais precárias e violentas. Os dados do mapa da violência de 2014 revelam que, entre os anos de 2002 e 2012, as maiores vítimas de homicídios praticados contra jovens no país foram os jovens negros. Considerando a evolução da taxa de violência durante esses dez anos, percebe-se que entre os jovens brancos a taxa caiu 28,6%, já entre os jovens negros aumentou em 6,5%. (Mapa da violência, 2014).

A experiência juvenil de uma mulher poderá ser distinta a de um homem ao levarmos em conta que a cultura patriarcal busca restringir o grau de liberdade desta em relação àquele em nossa sociedade. Ao se observar as distribuições da força de trabalho dos jovens no ano de 2013, considerando a variável sexo, nota-se que, enquanto a taxa de jovens desocupados do sexo masculino era de 7,1%, a do sexo feminino era de 8,7%. Levando em consideração a média salarial dos jovens assalariados, verificados por sexo e nível educacional, é possível perceber que a média salarial masculina é maior, constituindo-se em 1, 213.7 reais e a feminina em 903.1 reais, muito embora o nível de escolaridade das moças seja maior. (VENTURI, 2014)

A partir dos anos de 1990, com o fomento do debate por diversos atores sobre a condição juvenil, como agências multilaterais e organizações não-governamentais, a categoria juventude passa a ser incorporada na agenda governamental brasileira e tratada como um dos aspectos relevantes das políticas públicas. Em 1997, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, algumas ações foram articuladas em forte parceria com a UNESCO, realizadas pelo Ministério da Justiça e pelo Ministério da Previdência e Assistência Social. (SPOSITO, 2007).

No ano de 2003, com a eleição do governo de Luis Inácio Lula da Silva, foram criados dispositivos importantes que contribuíram para a ampliação e aperfeiçoamento das políticas públicas dirigidas aos jovens, tais como a Secretaria Nacional de Juventude, que tem o papel de articuladora das políticas de juventudes juntamente com as demais secretarias e ministérios; o Conselho Nacional de Juventude, que contribui para fomentar novas políticas públicas e aproximar o governo da sociedade civil e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem), que tem por objetivo elevar a escolarização de jovens acima dos 18 anos que ainda não completaram o ensino fundamental.

Ainda que não voltados apenas aos jovens, também é importante reconhecer que as iniciativas de elevação da escolarização básica da população e de ampliação do acesso à educação superior, que passou de três milhões e meio em 2002 para mais de sete milhões de matrículas em 2012. Várias pesquisas têm evidenciado que essa ampliação aconteceu especialmente no setor privado lucrativo, ao mesmo tempo em que também reconhecem a maior oferta de vagas no setor público em comparação a períodos anteriores. (ALMEIDA, 2012)

A realização de conferências nacionais da juventude possibilitou a ampliação do diálogo entre os jovens da sociedade civil com o poder público. Ainda que o alcance e a profundidade desse diálogo mereçam uma análise mais apurada, é significativo observar o aumento dessas iniciativas de discutir as demandas juvenis e o estímulo à criação de mecanismos de participação política em outras esferas, como conselhos municipais de juventude, conferências municipais e estaduais. Certamente iniciativas que contribuíram para o fortalecimento da visão dos jovens enquanto sujeitos de direitos. (SOUZA, 2012)

1.2 Jovens, participação política e ações coletivas

A entrada progressiva dos jovens na vida pública também pode ser tomada como um dos elementos centrais da transição dos jovens para a vida

adulta. Nesse momento do ciclo de vida, tem início uma relação dinâmica e, muitas vezes, conflitiva com a vida social. Da parte do mundo adulto percebe-se ainda uma grande dificuldade no reconhecimento dos jovens enquanto sujeitos e, como abordado no tópico anterior, as representações sociais em torno da juventude criam estereótipos que dificultam essa relação com a sociedade. Nessa perspectiva, cabe recuperar, ainda que não de modo exaustivo, alguns estudos que trataram dos modos como os jovens tornam-se “alvo” das políticas e, ao mesmo tempo, os modos de inserção e participação juvenil na vida pública, especialmente no Brasil.

Nas primeiras décadas do século XX, amparadas pela visão de disfunção social, começaram a surgir políticas assistencialistas de reformas sociais e urbanas que tinham como concepção uma teoria vinculada a uma visão médico-científica, que encarava certas diversidades e diferenças culturais juvenis como patologias sociais. (CÉSAR, 1999).

Consequências desse processo fizeram surgir teorias e discursos a respeito da delinquência juvenil, baseados no paradigma funcionalista, que entendia o comportamento social a partir da função e disfunção social, compreendendo determinados comportamentos como ‘rebeldia’ e encarando-os como disfunção social (GROPPO, 2010).

No centro dessas preocupações com a juventude e a infância formou-se uma teoria a respeito da delinquência juvenil que, delineada pelas práticas reguladoras da sociedade, produziu tanto a figura da criança e do jovem estigmatizados, como também o seu contra-modelo idealizado. Simultaneamente às primeiras teorizações sobre a adolescência, as instituições responsáveis pelos cuidados e educação dos jovens definiram um tratamento discursivo que configurava e produzia a figura do delinquente juvenil (CÉSAR, 1999, p.02).

No início da década de 1950, ideias de transgressão e subversão eram associadas a uma condição quase natural dos jovens, criando uma associação entre juventude e rebeldia que passou a ser difundida, em todo o

mundo, pela indústria cultural com produções de Hollywood, tais como 'O selvagem' (1953), 'Juventude transviada' (1955) e 'Easy Rider' (1969). (PEREIRA, 2001). No Brasil, havia recomendações de especialistas, como assistentes sociais, para tomarem cuidado com o comportamento juvenil, já que este indivíduo carregava um 'potencial destrutivo' e 'transgressor' que poderia ser utilizado por movimentos políticos rebeldes e ameaçadores da ordem social (CESAR, 1999).

Apesar do papel importante que uma parte dos jovens cumprira no processo de "modernização" e democratização política do país, como, por exemplo, na luta do movimento estudantil contra a ditadura de 1964 e na campanha das 'Diretas já!', para os setores mais conservadores suas ações eram vistas como suspeitas de baderna e radicalismos. Até mesmo para alguns setores da esquerda recaiam suspeitas de alienação ou de radicalismo pequeno burguês inconsequente (ABRAMO, 1997).

Essa percepção em relação à juventude ainda ocorre devido à dificuldade que a sociedade tem de reconhecer os jovens enquanto sujeitos, com capacidade de estabelecer uma relação dialógica com outros atores sociais e intervir na sociedade. Por outro lado, a mesma sociedade que nega aos jovens a condição de diálogo e de interlocução sobre os problemas sociais, principalmente referentes aos problemas relacionados à própria condição juvenil, cria expectativas sobre essa mesma juventude. (ABRAMO, 1997).

Segundo Abramo (1997), há uma expectativa em torno dos jovens idealizada por uma "natural" capacidade de participação, em que a sociedade deposita esperanças de renovação, transformação e mudança, mas também antagônica, na medida em que essa mesma sociedade não os reconhece como sujeitos.

Ao mesmo tempo há outra questão subjacente aqui e que também pode ser aprofundada: uma vez que, em geral, a juventude é tomada como categoria homogênea, estende-se para uma geração inteira práticas e ideais verdadeiros para uma pequena parcela de jovens. É o que fez, por exemplo, com que a juventude das décadas de 1960 e 1970 fosse considerada revolucionária, tomando como ponto de partida os movimentos estudantis protagonizados por

jovens da classe média alta que estavam na universidade. Os jovens pobres, trabalhadores, as jovens mulheres, os jovens negros e negras dentre outros, desapareceram dessa história.

Muitas vezes, toma-se como ponto de partida essa imagem de uma parcela minoritária da juventude estudantil das décadas de 1960 e 1970. Assim certas instituições e atores políticos cobram dos jovens do presente a participação nas instituições e movimentos políticos. Em geral a preocupação maior é com o processo de renovação dessas instituições. No entanto, poucos se preocupam em absorver as bandeiras que são defendidas pelos jovens, ao mesmo tempo em que os criticam pelo “desinteresse” e por uma suposta condição de *apolíticos* (ABRAMO, 1997).

Para Carrano (2012), muitas instituições recorrem ao que ele chama de ‘encenação política’ ou ‘participacionismo pedagógico’, pois fazem jogos de cena institucional que aparentam a participação, mas excluem os jovens do real exercício das tomadas de decisões.

Considerando as ações coletivas juvenis, cabe destacar alguns estudos que se tornaram referência e que contribuiram para nossa análise. Um dos primeiros estudos, elaborado pela pesquisadora Foracchi (1964, 1972), analisou a participação política dos jovens no contexto do período militar, através da ascensão política de um novo ator, o jovem estudante que, organizado no movimento estudantil, começou a ser reconhecido socialmente como sujeito político (SPOSITO, 2000).

A atuação do movimento estudantil frente ao Golpe Militar de 1964 foi um dos momentos relevantes da participação política protagonizada por jovens. Todavia, tal como já destacado, é preciso não generalizar essa participação: foram sobretudo jovens estudantes universitários das camadas médias que ganharam visibilidade nas ruas e também nos estudos.

Inspirada em Karl Mannheim (1968;1973), Marialice Foracchi (1965; 1972) examinou em seus trabalhos a relativa marginalidade dos jovens diante da estrutura social e dos centros de poder. Nessa direção, suas pesquisas situaram os universitários brasileiros como atores emergentes de uma

sociedade dependente que se tornaram protagonistas do radicalismo político dos movimentos estudantis dos anos 1960 (SPOSITO, 2010, p. 96).

Após algum tempo de repressão política, durante o regime militar, houve um arrefecimento do movimento estudantil e de suas entidades. Embora continuassem existindo, agora não constituíam uma referência forte para os rumos políticos do país e para a articulação da categoria social juvenil (CORTI e SOUZA, 2004). No entanto, as ações coletivas da juventude brasileira continuavam a existir, inclusive com novos formatos, como revelam, dentre outras, as pesquisas realizadas por Helena Abramo (1994) e Marília Sposito (1993).

Abramo (1994), durante algum tempo, pesquisou os jovens punks e darks da cidade de São Paulo e destacou o surgimento de novos modelos de participação juvenil, agora com um viés muito mais voltado à cultura, se expressando em “[...] diversos grupos juvenis articulados em torno de um estilo espetacular, cuja diferenciação se dá através da música, da roupa e de adereços, da postura e do comportamento no lazer.” (ABRAMO, 1994, p.xxii).

Segundo Abramo (1994), critica-se as gerações de jovens que passaram anos sob a condição de um regime militar, intitulada como ‘Geração AI-5’ ou ‘geração Coca-Cola’. Estas seriam incapazes de articular ou pensar uma transformação social, sendo assim, teriam como expressão a condição de uma juventude movida pelo individualismo e pelo desinteresse pelas questões coletivas.

Contudo, a autora percebe que esses grupos correspondem a uma nova forma de expressão que “[...] lidam com as questões da sua própria condição juvenil, vinculadas a seu tempo histórico, buscando um modo de processar essa vivência da forma a mais significativa possível” (ABRAMO, 1994, p. 155), trazendo elementos simbólicos que criem uma estética que chame atenção da sociedade para as condições de seu tempo.

Os punks e os darks lidam com as questões da sua própria condição juvenil, vinculadas a seu tempo histórico, buscando um modo de processar essa vivência da forma mais significativa possível. E mais que isso, procuram expor para a sociedade as questões que os preocupam, relativas à sua condição, mas também à de outros setores sociais, ao destino geral da sociedade, do seu futuro (ABRAMO, 1994, p. 155).

É uma nova linguagem que começa a surgir, uma linguagem simbólica, pela qual a estética e a cultura comunicam mensagens e percepções sobre o mundo e sobre a sociedade, muitas vezes, interpretadas erroneamente pela sociedade como vazias de sentidos e alienadas.

É difícil, no entanto, especular sobre o significado a longo prazo desses fenômenos. A atuação desses grupos se centra no *aparecimento espetacular* no espaço público, que envolve uma estratégia de *choque*, pela apresentação do inusitado, do desconcertante e da agressão. Ao exibir sua imagem diferenciada, produzem uma contraposição àquela do padrão considerado normal e evidenciam as suas construções simbólicas, oferecendo-se a serem lidos e interpretados. Os símbolos ostentados e as imagens sobrecarregadas buscam comunicar as questões que os preocupam, a estratégia de choque busca deflagrar reações, respostas, por parte daqueles com quem se defrontam (ABRAMO, p. 158, 1994).

Ainda no campo das ações de coletivos juvenis urbanos, Sposito (1993) investigou o movimento cultural das periferias da cidade de São Paulo conhecido com *Hip-Hop*, que tem como expressão artística a junção do *Rap*, do grafite e do *Break* (dança de rua). Para a autora, “[...] o *rap* desvela sua produção cultural, sobretudo nas letras das músicas que denunciam a realidade de exclusão do jovem pobre, sobretudo aquele de origem negra.” (SPOSITO, 2000, p. 84).

A pesquisa de Sposito (1993) nos mostra como esses coletivos culturais representam novas formas de sociabilidades e identidades coletivas, que criam alternativas para tentar enfrentar a violência urbana, ampliar os laços de amizade e construir espaços de interação e lazer, além de pautar e reivindicar as transformações sociais necessárias. Essas ações coletivas “[...] se

concentram nas necessidades de auto-realização, mas não numa orientação política, porque contentam a lógica do sistema nos campos culturais e na vida cotidiana das pessoas (MELLUCI, 1989, p. 54).

Essas ações já acenam com vigor para uma inquestionável motivação dos jovens em relação aos temas culturais em oposição ao seu afastamento das formas tradicionais de participação política (SPOSITO, 1999, p. 80).

Os estudos das ações coletivas urbanas contribuíram para o entendimento da cidade como espaço de sociabilidades, compreendendo-a para além de um espaço de casas e fábricas, mas também um espaço vivo de organizações, conflitos e ações coletivas. Dessa forma, “[...] o exame de uma das formas de apropriação do espaço urbano, aquelas que traduzem a sociabilidade juvenil, pode contribuir para avaliar a magnitude dos desafios que afetam as condições e a qualidade de vida nas metrópoles” (SPOSITO, 1993, p.175).

Mas cenários diversos de conflitos e de ações coletivas aparecem nos anos 80 e início da década atual, trazendo outros atores, formas de apropriação e uso do espaço urbano, redes de sociabilidade e novas imagens da conflitividade social na cidade. Nesta conjuntura, o tema da juventude - em especial dos jovens filhos de trabalhadores - torna-se mais visível, revestido de novas indagações, podendo ser analisado sob vários aspectos (SPOSITO, 1994, p.162).

As pesquisas de Abramo e Sposito apresentam novas formas de engajamento juvenil que começam aparecer nos anos 1980 e 1990 que se constituem como práticas de ações coletivas que não se estruturam mais somente pelos conflitos políticos e estruturais, mas que passam a anunciar para

sociedade problemas mais pontuais em determinados aspectos, utilizando-se inclusive de novas linguagens.

[...] Os conflitos dos anos 80 revelam estas novas contradições e implicam uma intensa redefinição da situação dos movimentos sociais e de suas formas de ação. [...] Os atores nestes conflitos não são mais distintos pela classe social, como grupos estáveis definidos por uma condição social e uma cultura específica (como a classe trabalhadora o era durante a industrialização capitalista. Os atores nos conflitos são cada vez mais temporários e sua função é *revelar* os *projetos*, anunciar para a sociedade que existe um problema fundamental numa dada área (MELLUCI, 1989, p. 59).

1.3 Ações coletivas juvenis nos anos 2000

Ao longo dos anos 2000 e especialmente a partir da segunda metade da primeira década desse século, intensificaram-se os estudos que passaram a destacar as transformações nas formas de participação e o surgimento de novas ações coletivas com a “capacidade de produzir conflitos e de construir identidades coletivas mais transitórias e mais flexíveis” (MELUCCI, 2001, p.10), revelando novos atores. Tais transformações também apontam para mudanças nos modos de organização dos movimentos juvenis indicando uma natureza mais cultural, horizontalizada, em rede e de reinvenção dos espaços públicos.

É preciso observar que, especialmente em sociedades como a brasileira, novo e velho se combinam. Assim, quando se fala do novo, não se está querendo dizer que é um novo que elimina o velho, na verdade pressupõe-se, muitas vezes, a convivência lado a lado de ambos, ou ainda um novo que vem repleto de contradições:

Se entendermos que a pós modernidade latino americana é combinação funcional e articulada de moderno e arcaico, o

moderno realizado e superado, podemos dizer, com o antropólogo argentino Nestor García Canclini, que somos pós-modernos desde sempre (MARTINS, 2014, p. 204)

As transformações dos movimentos não ocorrem somente em função das mudanças de conjuntura política, mas também por causa das relações sociais e das novas formas como os indivíduos constituem suas subjetividades. (MELUCCI, 1994). Através da internet, principalmente das redes sociais, a sociedade dinamizou sua capacidade de receber informação e de se comunicar, difundindo com maior facilidade as informações, além de promover novos significados (CASTELLS, 2002).

Os seres humanos criam significado interagindo com seu ambiente natural e social, conectando suas redes neurais com as redes da natureza e com as redes sociais. A constituição de redes é operada pelo ato da comunicação. Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações. Para a sociedade em geral, a principal fonte da produção social de significado é o processo da comunicação socializada. (CASTELLS, 2002, p. 14)

As redes sociais virtuais estão possibilitando novas formas de se fazer política- ou de agir politicamente- que se constituem como ações nas redes e fora dela, por ser possível constituir inter-relações entre indivíduos em espaços de conhecimentos abertos, contínuos e não lineares. (GUZZI, 2010)

Logo, podemos entender que, a partir de uma nova composição de relações de saber ou de forças em relação às antigas relações sociais instituídas, puderam-se abrir portas para novas formas de conhecimento, de percepção, de afetos, de políticas, enfim, de redes inteiramente permeáveis, capazes de inaugurar novas composições, formar uma, duas ou mais redes que por sua vez podem se rizomatizar em outras redes mais, nas quais um mesmo sujeito pode intervir em diferentes esferas sociais. (GUZZI, 2010, p. 60).

Para Canclini (1997), as transformações que vêm ocorrendo nos movimentos são resultados de mudanças ocorridas nas cidades, tais como a diminuição dos espaços públicos a tendência de tecnoburocratização da sociedade. Com isso, a complexidade e a técnica suprimiram espaços de debates, burocratizando sindicatos e partidos políticos, o que faz com que as identidades coletivas encontrem, nos centros urbanos, menos espaço para sua constituição. (CANCLINI, 1997). Sendo assim, a reorganização desses espaços públicos passa a ter um papel fundamental na eficácia desses movimentos, principalmente através das novas tecnologias virtuais, que permite aos movimentos ecoar e interferir no funcionamento das cidades. (CANCLINI, 1997)

No Brasil, tivemos grandes manifestações no ano de 2013 que ficaram conhecidas como ‘Manifestações de Junho’, com ampla mobilização através das redes sociais, ausência de lideranças e negação aos partidos. Encampando pautas bastante difusas, jovens de todo o país saíram às ruas, de forma massiva, exigindo melhorias na qualidade dos serviços públicos, como mais hospitais, investimentos na educação, transportes públicos mais baratos e maior criticidade à política institucional. (CARRANO e SPOSITO 2015)

De qualquer forma, as manifestações que tomaram as ruas e praças do Brasil em 2013, guardando nossas especificidades nacional e regionais, integram um amplo e diferenciado espectro do ciclo de protestos ocorridos em diferentes partes do mundo. O fenômeno, pela sua atualidade, e do qual ainda não podemos extrair todas as consequências, parece sinalizar para uma redefinição do espaço público sob o forte protagonismo de jovens que emitem sinais nem sempre claros, sem uma agenda coletiva comum, mas que se dirigem criticamente contra sistemas sociais, econômicos e políticos e, notadamente, para as precariedades da vida nas grandes cidades. (CARRANO, 2015)

De acordo com Raquel Rolnik (2013), as Manifestações de Junho foram desencadeadas por uma série de fatores sociais, porém a ‘fagulha’ que deu início a elas – Movimento Passe Livre- não surgiu do nada, “[...] foram anos

de constituição de uma nova geração de movimentos urbanos- o MPL, a resistência urbana, os movimentos sem-teto, os movimentos estudantis- que, entre ‘catracaço’, ocupações e manifestações foram se articulando em redes mais amplas [...]” (ROLNIK, 2013).

Em outras partes do mundo também ocorreram manifestações bastante semelhantes, entre elas a Primavera Árabe, em Istambul, os Indignados da Espanha, o Occupy Wall Street, nos Estados Unidos. A conexão existente entre esses movimentos com as manifestações de Junho no Brasil é que todos foram movimentos majoritariamente composto por jovens, que se mobilizaram pela internet, sem contar com a presença de sindicatos, partidos políticos ou qualquer organização tradicional. (ROLNIK, 2013).

Em Belo Horizonte, analisando novas formas de participação juvenil, Igor Thiago Moreira Oliveira pesquisou uma manifestação que ocorreu na capital mineira no ano de 2010, conhecida como ‘A Praia das Estações’, em que jovens promoveram uma intervenção cultural no espaço público urbano, expondo novos aspectos de atuação política.

O autor sustenta que novas formas de ativismos têm surgido e que ultrapassam os limites dos partidos e das organizações políticas, produzindo ações no âmbito do próprio cotidiano, criando novas maneiras de contestações sociais como “[...] carnavais de protestos nas ruas, bicicletadas contra o monopólio do uso do automóvel, ocupações de imóveis abandonados com posterior transformação em centros sociais e moradias coletivas, realização de feiras de trocas livres, construção de rádios livres, criação de coletivos [...]”.

(OLIVEIRA, 2012, p.13)

A manifestação ocorreu em reação ao decreto do então prefeito de Belo Horizonte, proibindo a realização de eventos em uma praça pública, o que resultou num encontro de jovens no local vestidos com trajes de banho e objetos de praia, transformando a ‘Praça da Estação’ em ‘Praia da Estação’, o que chamou atenção da mídia e da cidade a respeito da importância do espaço público.

A própria existência da ação coletiva, com suas formas próprias de se organizar e de se expressar, têm a capacidade de transmitir mensagens para

a sociedade. As ações políticas não desaparecem, todavia se tornam mais pontuais, ou são substituídas por ações de caráter cultural e simbólico que afetam as instituições políticas, contribuindo para modernização da cultural e das instituições. (MELUCCI, 2007).

Sua mensagem principal está no fato de existirem e agirem. Isto também significa afirmar que a solução para o problema relativo à estrutura do poder não é a única possível e mais do que isso, oculta os interesses específicos de um núcleo de poder arbitrário e opressor. Pelo que fazem e a maneira como fazem, os movimentos anunciam que outros caminhos estão abertos, que existe sempre outra saída para o dilema, que as necessidades dos indivíduos ou grupos não podem ser reduzidas à definição dada pelo poder (MELUCCI, 2001, p.41).

No ano de 2015, período em que essa pesquisa ainda estava sendo realizada, aconteceu uma forma de manifestação bem característica das novas formas de ações coletivas e que também contou com a participação do LPJ. Em resposta à política de reorganização escolar do governador do Estado de São Paulo, pela qual escolas funcionariam em ciclos únicos, resultando no fechamento de 94 escolas, estudantes de mais de 200 unidades de ensino decidiram ocupá-las como forma de resistência à mudança sem que houvesse o diálogo necessário com estudantes, pais e professores.

A ocupação das escolas foi algo inédito na história do país e teve um simbolismo muito forte por ter sido realizada pelos próprios estudantes que, com o apoio da comunidade e de movimentos sociais, organizaram debates, oficinas, saraus, aulas públicas, etc. A experiência das ocupações ainda carece de estudos, no entanto foi possível perceber que a maneira como os jovens estudantes buscaram intervir na realidade social se constituiu em uma forma completamente diferente daquilo que já fora feito até então.

Mais do que lutar contra o fechamento das escolas, os estudantes mandaram uma intensa mensagem para governos e sociedade de todo o país, ou seja, que outro modelo de escola é possível, na qual o processo pedagógico

não esteja restrito a 'giz e lousa' e que o aprender esteja aliado às expressões e atividades culturais. Alberto Melucci (2001) nos chama atenção para observarmos um aspecto importante dessas novas formas de ações coletivas, que implica em olharmos não só o que os movimentos estão dizendo, mas principalmente a maneira como estão dizendo, uma vez que esses os movimentos têm a capacidade de anunciar profundas mudanças. (MELUCCI, 2001).

Para Melucci (2001), entrou-se em uma fase de bifurcação, em que “[...] o embrião do novo está nascendo dentro do velho galho” (MELUCCI, 2001, p. 82), o que dificultaria um pouco a compreensão, já que novos atores utilizariam as velhas linguagens por não possuir ainda uma linguagem própria, mas que devem ser analisadas, pois essas novas ações coletivas expressam o que está nascendo.

Porém, não se trata de compreender o novo em detrimento do velho, já que esses modelos convivem mutuamente, todavia compreender de que forma “[...] as velhas e novas formas interagem e compõem novas sínteses políticas, convivem em que termos e quais são os focos de continuidade e de tensão? [...]” (CARRANO, 2012, p. 83). Os dois modelos irão coexistir e é preciso “indagar como se reinventam as tradições militantes e como são questionados os antigos modelos de participação institucional” (CARRANO, 2012, p. 83).

Do ponto de vista dos vetores predominantes na contemporaneidade, a participação juvenil é marcada pela emergência de diferentes coletivos de identidade que se afastam das formas e conteúdos clássicos de participação e militância e se orientam para o simbólico, o corpóreo, o cultural e as demandas do cotidiano. Este é um traço nítido de reconfiguração do campo da participação juvenil. As “clássicas” formas de participação feitas em agremiações estudantis e partidos políticos ainda possuem significado na arena pública, entretanto, elas coabitam com novas formas e conteúdos de associativismo juvenil (CARRANO, 2012, p. 83).

Novas formas de ação coletiva convivem com a atuação dos movimentos sociais e não deve-se tratá-las como um modelo de superação aos movimentos sociais, mas deve-se compreendê-las “[...] a diversidade de movimentos e ações civis coletivas, suas articulações e os marcos interpretativos que têm lhes atribuídos sentidos, significados e os têm trazido à luz no campo da investigação sociológica” (GOHN, 2012, p. 12).

Não se pode esquecer, contudo, que as “novidades” convivem com as “continuidades”, motivo pelo qual os movimentos podem ser entendidos como objeto/sujeito privilegiado de atores e práticas sociais que, assim como as identidades, estão em contínua reinvenção (GOHN, 2012, p. 12).

As ações coletivas juvenis se constituem como uma forma de expressão capaz de influenciar nos rumos da sociedade, por vezes, enviando mensagens carregadas de simbolismo, através do engajamento em movimentos sociais, com reivindicações bastante claras e específicas, transmitindo visões de mundo e novos valores. Portanto, compreender essas transformações é fundamental se há o verdadeiro interesse em se entender as novas formas de participação juvenil, principalmente para lançar luz sobre o Levante Popular da Juventude, que é um movimento recente, estruturado com características de movimentos tradicionais, mas que nasce atuando a partir de práticas de novas formas de ações coletivas.

2- LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE: A PESQUISA E O MOVIMENTO

2.1 Caminhos da pesquisa e procedimentos metodológicos

Embora existam alguns estudos sobre o Levante Popular da Juventude, esta pesquisa procurou lançar um olhar para o movimento e seus sujeitos na cidade de Sorocaba, uma vez que pesquisar é empreender um olhar para algo que, muitas vezes, já foi observado, contudo cada olhar estabelece uma percepção bem particular de observar determinadas experiências (DUARTE, 2002).

As pesquisas que tiveram o LPJ como objeto de estudo, algumas já concluídas e outras em andamento, contribuem extremamente na medida em que investigam questões importantes, como por exemplo, os mecanismos de produção do engajamento militante³, analisando as redes interpessoais e a conjugação entre militância e esferas da vida e novas⁴ formas de participação juvenil, discutindo os diferentes campos de atuação e bandeiras do LPJ.

A pesquisa sobre engajamento militante nos ajuda a compreender como ocorre o recrutamento de militantes no LPJ, destacando o papel das redes pessoais, através da aproximação de espaços como universidades, escolas, e utilizando-se da estratégia que a autora chamou de *pessoa-ponte*, em que um jovem que entra para o movimento é capaz multiplicar os laços em diferentes

³ Monografia de –Bianca de Oliveira Ruskowski, Porto Alegre, 2012– Levante Juventude, juventude é pra lutar: a relação entre esferas de vida e identidade na constituição do engajamento juvenil; Dissertação de Bianca de Oliveira Ruskowski– Do incômodo beneficente e da indignação à ação contestatória: estudo sobre condições e mecanismos de engajamento nas *Tribos nas trilhas da cidadania* e no *Levante Popular da Juventude*.

⁴ Artigo científico– BENEVIDES, Silvio Cesar Oliveira; DA LUZ, Sóstenes Aroeira. Juventudes e participação: os atores de uma nova dimensão do político: o caso do Levante Popular da Juventude.

contextos, aproximando mais pessoas que estão mais próximas de sua rede pessoal.

No artigo que discute sobre as novas formas de participação juvenil, o autor contribui identificando que as atuais formas de mobilização dos jovens na atualidade não se prendem somente a causas utópicas ou pela tradicional luta entre capital x trabalho, mas lutam por múltiplas causas, como questões ambientais, liberdade sexual, diversidade cultural, e que as lutas do LPJ dialogam com esse novo contexto.

Aqui, busca-se entender como o Levante Popular da Juventude tem se organizado na cidade, procurando analisar sua história, características, formas de atuação, trajetórias e contradições, além dos sentidos da participação de seus integrantes. O grupo que atua na cidade não é muito grande, mas tem organizado um conjunto significativo de ações, tais como ocupações de prédios abandonados, intervenções culturais em memória aos mortos pela ditadura militar, saraus nas periferias, batucadas, dentre outras ações e atividades.

Nesse trabalho, para preservar a privacidade dos jovens pesquisados, utilizaremos nomes fictícios quando referirmos aos militantes do LPJ da cidade de Sorocaba, que por sinal, contribuíram muito para que essa pesquisa fosse viabilizada, acolhendo-me em suas reuniões, nos debates e em manifestações.

A cidade de Sorocaba está situada no interior do estado de São Paulo, aproximadamente a cem quilômetros da capital, possui uma população de aproximadamente seiscentos mil habitantes. Apesar de conservadora, controlada historicamente por uma elite maçônica que tem forte influência no campo econômico, político, religioso e educacional. A cidade guarda ainda uma importante história de resistências populares. (SILVA, 2010)

No final do século XIX, a cidade foi marcada pelas primeiras manifestações políticas dos trabalhadores no país, e também pelo surgimento de grupos políticos socialistas e libertários que, para se contraporem ao avanço das ideias liberais, criaram o jornal *O operário*, de inspiração anarco-socialista (ARAUJO, 2005). Na década de 1980, em tempos de ditadura, jovens da cidade organizaram uma manifestação que ficou conhecida no país inteiro como “a noite

do beijo”, reivindicando o simples direito de beijar em público, atitude que, à época, estava proibida na cidade.

Em Julho de 2011, o *campus* da Ufscar de Sorocaba promoveu o “I Encontro UFSCar- Movimentos Sindicais e Sociais da Região de Sorocaba”, realizando uma parceria com 40 movimentos da cidade e região, onde debateram questões como educação, saúde, trabalho, meio ambiente, cultura, comunicação e Movimento Estudantil e juventude. Esse encontro contribuiu para aproximação da universidade junto aos movimentos sociais, estabelecendo parcerias e possibilitando novos olhares sobre a cidade.

Em 2015, durante a elaboração do Plano Municipal de Educação, a cidade contou com forte participação dos movimentos sociais, impondo-se à falta de diálogo do poder público, que pretendia aprovar o documento de última hora. A situação resultou em embate político na câmara dos vereadores, com a imposição da prefeitura de um projeto substitutivo, que foi aprovado pelos vereadores, desrespeitando o que tinha sido construído nas plenárias pela população, mas não sem a resistência política desses movimentos.

No período de ocupações de escolas, no estado de São Paulo, em que alunos das escolas públicas resistiram ao plano de reorganização escolar do governador Geraldo Alckmin, que ameaçava fechar 94 escolas por todo o estado, Sorocaba foi a segunda cidade que mais teve unidades de ensino ocupadas, mostrando forte resistência dos jovens a uma política feita sem o devido diálogo pelo governo. Portanto, pretende-se estudar a atuação de um movimento social de juventude que está inserido nesse contexto, em uma cidade conservadora, mas que sempre apresentou contraponto às imposições de sua elite.

CRUZEIRO DO SUL
 cidades
 SOROCABA • DOMINGO • 29 DE NOVEMBRO DE 2011 A7

CONTRA A REORGANIZAÇÃO

Estudantes mantêm ocupação em 21 escolas de Sorocaba

Em Araçoiaba da Serra, uma escola foi ocupada na sexta-feira à noite

De acordo ainda com a dirigente, cerca de mil alunos estudam na unidade de ensino, em três períodos e a escola não faz parte da reorganização escolar. Segundo a coordenadora da Apeossp de Sorocaba, Magda Souza, até o final da noite de ontem, as ocupações em Sorocaba mantinham-se pacíficas e sem maiores incidentes. Em Araçoiaba da Serra, a Escola Estadual Maria Angélica Bastos foi ocupada na sexta-feira à noite. De acordo com a Dirigente Regional de Ensino de Vitorantim, Tereza Leonor Aparecida, a ocupação teria ocorrido por volta das 23h, no último período de aula. Segundo ela, a escola não foi ocupada por alunos da unidade. "A escola está ocupada por cerca de oito pessoas estranhas que não são nossos alunos; nós não estamos entendendo", comenta.

De acordo com informações prestadas pelo Dirigente Regional de Ensino, Marco Aurélio Dugni, também na sexta-feira à noite

no jornal Cruzeiro do Sul, acompanhado por Fernando Padua, chefe de gabinete do Secretário Estadual de Educação, o prazo de 24 horas para desocupação das unidades termina amanhã. Padua disse que a decisão do juiz José Eduardo Marcondes Machado, que concedeu a liminar para reintegração na posse dos prédios, foi acertada, já que o impasse compromete a situação de milhares que precisam concluir o ano

As Diretorias Regionais de Ensino de Sorocaba e Vitorantim esclarecem que continuam firmes no propósito de dialogar

ativo. Ele também garantiu que, por determinação do governador Geraldo Alckmin (PSDB), não será usada força policial, no caso, para cumprimento da ordem.

Abertas ao diálogo

As Diretorias Regionais de Ensino de Sorocaba e Vitorantim esclarecem que continuam firmes no propósito de dialogar com os manifestantes, apesar das constantes negativas desses grupos. "As administrações regionais respeitam o direito à manifestação dos estudantes, desde que esses grupos não impeçam o

acesso regular às aulas por jovens que por elas optaram", diz a nota. Segundo a assessoria, "a proposta da reorganização da rede ao ampliar o número de unidades que oferecem ciclo único prioriza um modelo cujo rendimento é até 28,4% superior aos demais e cujas mudanças proporcionalmente a abertura de 2.956 classes, hoje ociosas". De acordo com a nota, a reposição do conteúdo pedagógico visando a conclusão do calendário, que estabelece a vigência de 200 dias de aula, será feita ao término do calendário oficial, que se encerra entre 18 e 23 de dezembro.



FIGURA 1: Notícia sobre ocupações das escolas de Sorocaba. Fonte: Jornal Cruzeiro do Sul.

A metodologia utilizada nessa pesquisa foi qualitativa, levando em conta o fato de se tratar de um estudo de caso. Esse tipo de pesquisa tem como meta primordial compreender um determinado fenômeno social, voltando-se para a investigação de um caso específico, mas que também pode contribuir para a compreensão de processos mais amplos sobre a participação juvenil. (MARTINS, 2004)

As pesquisas qualitativas pressupõem um recorte de uma determinada realidade social, por isso devemos considerar que nossa pesquisa possui limites de natureza temporal e espacial, mas que mesmo assim contribui com esse campo de estudo.

Esse tipo de pesquisa implica em um contato mais direto com o objeto pesquisado, buscando estabelecer uma interação entre pesquisador e pesquisado, de maneira que possibilite compreender a perspectiva do que está sendo estudado para auxiliar na interpretação do fenômeno. (NEVES, 1996) Como estamos estudando jovens de um movimento social, ela nos ajudará analisar a participação desses jovens no LPJ, considerando os aspectos objetivos, mas também subjetivos, já que a pesquisa qualitativa também "[...] se insere na busca de significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências sociais;" (MARTINELLI, 1999).

Para a realização da pesquisa, acompanhou-se pelo período de um ano as atividades do LPJ, com participação em reuniões, planejamentos, atividades culturais, manifestações de rua, intervenções culturais e debates. No início do trabalho de campo, durante três dias, foi observado um acampamento estadual que ocorreu na cidade de São Carlos, em uma antiga fábrica de asfalto. Também foram analisados documentos, materiais virtuais, redes sociais e sites.

Uma das maiores dificuldades nessa pesquisa foi o afastamento de minha condição de militante de esquerda, dado a proximidade que tenho com alguns agrupamentos políticos de juventude da cidade e com suas pautas, o que poderia comprometer a imparcialidade da análise. Todavia, durante esse período, busquei diminuir minha participação nas atividades políticas da cidade, principalmente as que envolviam os movimentos juvenis.

Para melhor conhecer o perfil dos integrantes foi aplicado um formulário sócio demográfico para todos os membros e realizadas cinco entrevistas de caráter qualitativo por meio de questionários semi-estruturado. Foram entrevistadas três mulheres e dois homens, sendo uma estudante secundarista e duas estudantes do ensino superior público, um estudante do ensino superior privado e outro que, atualmente, somente trabalha, pois havia trancado sua matrícula na faculdade.

Algumas entrevistas foram realizadas em locais públicos, como praças e universidades e outras foram realizadas nas próprias residências dos entrevistados, o que parece ter garantido uma relativa liberdade para que os entrevistados pudessem falar com tranquilidade. Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas posteriormente. Estas revelaram uma série de questões que, *a priori*, não estava em meu campo de visão, mas que acabaram emergindo no momento das entrevistas e isso ocorreu tanto pelo que os entrevistados disseram quanto pelo que deixaram de dizer.

Só foi possível o acesso a determinadas informações em algumas conversas informais, não apenas com membros do Levante, mas com pessoas que, de alguma maneira, se relacionam e fazem política junto ao movimento. Nesse caso, trata-se de informações que direcionam nosso olhar para questões que, muitas vezes, não podem ser observadas diretamente no campo de

pesquisa, uma vez que nem tudo é revelado ao pesquisador, talvez pela própria necessidade das lideranças de resguardar certas informações.

Durante a pesquisa, procurei participar de encontros e discussões a respeito dos movimentos sociais, das novas formas de ações coletivas e da educação não-escolar, de maneira a tentar compreender o papel do LPJ nesse contexto, além de debruçar-me sobre uma bibliografia que contemplava essa discussão.

2.2- A constituição do Levante Popular da Juventude no Brasil

O Levante Popular da Juventude é um movimento social organizado por jovens que se estrutura nacionalmente, defendendo bandeiras dos movimentos sociais de esquerda, atuando no movimento estudantil, no meio campestre e nos centros urbanos. Surgiu no Rio Grande do Sul, no ano de 2006, recebendo forte influência dos movimentos da Via Campesina, uma organização internacional de movimentos de trabalhadores rurais, que no Brasil agrega organizações como o Movimento dos Sem Terra (MST), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Comissão Pastoral da Terra (CPT).

A principal influência na criação do LPJ foi a Consulta Popular, um partido político não institucional criado em 1997 por militantes dos movimentos sociais, especialmente pelo MST, que tinha como propósito aglutinar militantes dos movimentos sociais de esquerda. A proposta de integrantes da Consulta Popular, com relação ao LPJ, era criar um movimento social juvenil que se tornasse uma referência de organização política de juventude, sendo capaz de aproximar diferentes segmentos juvenis, como os jovens do meio rural, os jovens das periferias, estudantes secundaristas e universitários, transitando em diversos espaços nos quais estão inseridos.

A nacionalização do movimento ocorreu no I Acampamento Nacional do Levante Popular da Juventude, na cidade de Santa Cruz do Sul (RS), em 2012, reunindo cerca de 1.200 jovens de 17 estados, entre estudantes,

representantes de movimentos sociais e moradores de periferias, com a finalidade de discutir, durante cinco dias, temas relacionados à condição juvenil e à participação política.



FIGURA 2: I Acampamento Nacional do Levante Popular da Juventude. Fonte: <http://levantepopulardajuventude.blogspot.com.br/>

Em uma carta compromisso, emitida em 2012, durante o acampamento, o Levante Popular da Juventude apresentou algumas de suas principais linhas de atuação e bandeiras, entre elas a democracia popular, soberania e solidariedade aos povos, a luta contra os vários tipos de preconceitos, como o machismo, racismo, lesbofobia, homofobia, transfobia, a defesa de um projeto popular de educação, a luta pelo transporte público, ampliação do acesso à cultura, lazer e a oposição ao trabalho precarizado.

Sua atuação acontece em três frentes: 1) no meio estudantil secundarista e universitário; 2) nas periferias dos centros urbanos; 3) no meio rural. A frente composta por estudantes secundaristas e universitários se articula

principalmente pela mobilização estudantil, através da formação de células⁵ em escolas, universidades e participação em protestos, etc.

A nossa juventude também ela é estudantil, porque você se mobilizar, dentro da faculdade, é muito importante. As nossas outras células é secundarista, porque mesmo você mudando pouca coisas que você não gosta na sua escola, aos poucos pequenas conquistas você já vai incentivando os jovens, talvez, quando ele for pra faculdade vai ser um militante mais ativo também. Estar disposto a construir o movimento estudantil. E ele "Ah, se eu consegui pequenas coisas porque eu não vou conseguir grandes coisas?", e também lutar, estar sempre lutando desde o momento secundarista para a transformação da sociedade. (JOANA, 13, LPJ)

No meio rural, dada sua proximidade com os movimentos sociais da Via Campesina, articulam-se com as juventudes que compõem os movimentos do campo, realizando lutas relacionadas às causas dos trabalhadores rurais, como luta pela reforma agrária, contra o agronegócio, em defesa da agricultura familiar, etc.

Nas periferias, o movimento dialoga com jovens principalmente no aspecto cultural, realizando oficinas, saraus, debates, etc. Em outubro de 2015, o movimento realizou uma semana nacional da solidariedade chamada "Nós por nós", na qual realizaram atividades culturais nas periferias, buscando aproximar o LPJ aos jovens dessas localidades. A análise específica dessa atividade será realizada com mais profundidade quando da discussão sobre o LPJ de Sorocaba.

A organização do Levante acontece a partir de três eixos: organização, formação e luta. A organização é constituída a partir do sistema de células, que são núcleos que agrupam jovens segmentados por espaços em que estão inseridos, tais como universidades, bairros, escolas, etc. Em cada célula,

⁵ A célula é um agrupamento de militantes que estão inseridos em um determinado espaço, podendo ser em um bairro, escola, universidade, assentamento, tendo por objetivo estimular as ações e práticas políticas nesses locais.

os militantes podem pensar ações e práticas para aquele espaço, não havendo limites quantitativos para a formação de células.

Além das células, também resgatam o conceito de agitação e propaganda, da teoria leninista (BENOIT, 1998), que são características marcantes no LPJ, constituindo-se como “[...] um conjunto de métodos e formas que podem ser utilizados como tática de agitação, denúncia e fomento à indignação das classes populares e politização de massas em processos de transformação sociais.” (Coletivo de Comunicação, Cultura e Juventude da Via Campesina, 2007).

Agitação e Propaganda propõem-se a ser instrumentos capazes de dialogar de maneira pedagógica com a população, principalmente com os jovens, pois elas possibilitam ao movimento criar muitos vídeos e captar imagens com grande potencial de difusão nas redes sociais. Essa tática envolve trazer para as ações políticas os aspectos culturais, como intervenções artísticas, representações teatrais, músicas, batucadas e, por isso, tão muito utilizadas nas manifestações de massa.

Nas cidades onde o Levante está presente, a organização ocorre a partir de uma coordenação municipal e pela divisão por células. Em cada cidade há uma coordenação de finanças, comunicação, formação política e cada pessoa responsável pela coordenação, independente de fazer parte da coordenação municipal, estadual ou nacional, deve estar vinculada a uma célula, de maneira a manter um contato com sua base política.

Na esfera estadual, o movimento também é organizado através de uma coordenação, tendo representação de cada cidade, de acordo com o número de células que cada cidade mantém, mas não há coordenadores específicos para cada setor. As pessoas, que têm afinidade com os temas, tomam para si responsabilidades, sem uma coordenação temática específica.

Em nível nacional, a coordenação é composta por dois representantes de cada estado, porém, assim como em nível municipal ou estadual, não há coordenadores fixos, apenas pessoas que assumem responsabilidades por uma determinada tarefa relacionada ao tema da coordenação. Além da coordenação, em nível nacional há um grupo responsável

por tomar decisões mais urgentes e pontuais, uma espécie de executiva, formada por jovens integrantes das coordenações estaduais.

A principal forma de financiamento do movimento ocorre através da aproximação a estruturas políticas que possuem alguma capacidade orçamentária, como sindicatos, partidos políticos, mandatos, etc. Essa aproximação depende da relação que se estabelece em cada cidade, possibilitando até mesmo a aproximação a grupos políticos adversários, tais como o Partido dos Trabalhadores (PT) e Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

A principal bandeira de luta do Levante Popular da Juventude se traduz no que eles chamam de Projeto Popular, concepção que é herdada dos movimentos sociais da Via Campesina e da Consulta Popular. O Projeto Popular é compreendido enquanto “[...] um projeto político de um conjunto de forças sociais que lutam por profundas transformações da sociedade brasileira. [...] Em suma, o Projeto Popular para o Brasil implica num país politicamente democrático, justo economicamente, sob uma sociedade equitativa e solidária e que respeite e incentive a pluralidade cultural, e em harmonia com o meio ambiente.” (MST, 2015).

Mas, a ideia do Levante é pegar todas as pautas nacionais que são importantes e trazer para as células, para cada lugar que ele está inserido, mas também levando pautas municipais à cidade, pautas estaduais ao estado e tudo mais. (JOÃO, 21 anos)

O LPJ começou a ganhar maior destaque no ano de 2012, quando organizou, em conjunto com algumas forças políticas de juventude, intervenções políticas e culturais em várias cidades, como forma de chamar a atenção para a necessidade da criação da Comissão Nacional da Verdade. O “escracho”, que é uma ação tradicional na Argentina e no Chile, que tinha por objetivo denunciar os agentes das ditaduras militares, foi organizado por uma frente ampla de juventude, da qual o Levante participava.



Figura 3: Ato em São Paulo contra os torturadores de Dilma Rouseff.
Fonte: <https://www.facebook.com/levantepopulardajuventude/?fref=ts>

Os escrachos foram realizados por jovens e ocorriam na frente das moradias dos torturadores, em todo o país, por meio da Agitação e Propaganda, em que ocorreram batucadas, grafites, encenações simulando a tortura, além dos gritos de intervenção. Os escrachos mobilizam-se principalmente pelas redes sociais e assumem feições de ações coletivas recentes, sendo menos centralizadas, mais rápidas e virais.

Uma das nossas principais bandeiras, desde o nascimento do Levante, que é a derrubada da lei da anistia, que fez com que vários torturadores, vários mandantes da época saíssem impunes, então isso se torna uma pauta bem forte do Levante, fazendo os escrachos, fazendo os atos em cima da ditadura militar, sempre lembrando que é uma pauta que criou o Levante e ajudou ele a se formar como movimento nacional (JOSÉ, 24, LPJ).



FIGURA 4: Ato em São Paulo contra os torturadores de Dilma Rouseff.
FONTE: Fonte: <https://www.facebook.com/levantepopularadajuventude/?fref=ts>

Atualmente o LPJ está organizado em vários municípios de todo o país, sua atuação mais forte ocorre principalmente nas capitais, onde participam de várias manifestações, articulando-se em redes com outros movimentos sociais, tomando parte de atos, como por exemplo, contra o aumento do preço do transporte público, contra o fechamento de escolas, contra o machismo, contra reintegrações de posse onde há habitações populares, dentre outras.

2.3 Levante Popular da Juventude de Sorocaba

Breve perfil dos militantes

No momento de realização das entrevistas, participavam do Levante Popular da Juventude de Sorocaba doze jovens, tendo o mais novo treze anos e o mais velho vinte e quatro anos, sendo que a maior parte deles tinha idade entre 21 a 25 anos.

Em termos de escolaridade, o Levante tinha um integrante que cursava o Ensino Fundamental, um que havia concluído o Ensino Médio e dez integrantes que cursavam o Ensino Superior, seja em universidades públicas ou em faculdades particulares. Em termos de sexo, havia uma predominância da presença feminina, sendo sete mulheres e cinco homens.

A pauta relativa à igualdade de gênero é uma das que mais aparece no interior da organização em Sorocaba, o que é reflexo das bandeiras da organização em instâncias estadual e nacional, mas também parece relacionar-se à forte participação feminina no Levante de Sorocaba.

Quanto à cor/raça, quatro integrantes se autodeclararam negros, dois se disseram pardos e seis brancos. A questão racial também aparece de maneira bem marcante no interior do Levante, sempre pautada em reuniões de planejamento ou em reuniões de células.

Todos os integrantes são solteiros e a maioria ainda mora com os pais ou parentes, e alguns moram com os amigos, em repúblicas. O perfil socioeconômico dos integrantes é formado por pessoas cuja renda familiar está situada entre um e quinze salários mínimos, sendo, em sua maioria, entre um e seis salários. Cinco integrantes trabalham e sete não trabalham.

A maioria dos integrantes já participou de alguma experiência de organização coletiva antes de se integrar ao Levante. Oito integrantes já participaram de centros acadêmicos, organizações nacionais representativas de

curiosos, coletivos políticos, movimentos estudantis e manifestações. Apenas quatro integrantes participavam de uma organização coletiva pela primeira vez.

Atuação no ensino superior

O LPJ de Sorocaba começou a se organizar a partir do I Acampamento estadual do Levante Popular da Juventude que aconteceu em setembro de 2012, na cidade de Cajamar, no estado de São Paulo. Participaram desse acampamento três estudantes da Universidade Federal de São Carlos, do campus de Sorocaba, que, ao retornarem à cidade, resolveram criar a primeira célula do movimento na própria universidade.

Depois do acampamento, no primeiro acampamento estadual eles começaram a explicar o que é uma célula, como se organizava, e a gente voltou para Sorocaba e falou "vamos construir uma célula". No próprio encontro ficou uma pessoa, uma coordenadora, que seria a Ana, ela ficou como coordenadora na época. Aí a gente voltou e começou a construir. Eu acho o que me mobilizou foi porque achei diferente, eu construí o Movimento Estudantil antes. (Ana, 21, LPJ).

A participação do LPJ nas universidades ocorre através da atuação no movimento estudantil, participando dos espaços institucionais acadêmicos, como Centro Acadêmico, Diretório Central dos Estudantes, mas principalmente na organização de células, em que se compõem debates, oficina de stencil, saraus, roda de conversa, etc.

Uma das atividades que realizaram na Universidade Federal de São Carlos, no campus Sorocaba, foi uma ação em memória do massacre de El Dourado dos Carajás, que resultou na morte de 19 trabalhadores rurais do MST, assassinados pela polícia do Pará em Abril de 1996. A intervenção aconteceu através da colocação de 19 cruzeiros e da pichação da frase "Por menos que nos

contem a história, não te esqueço, meu povo”, às seis horas da manhã, antes que os estudantes chegassem à universidade.



FIGURA 5: Ato em memória aos mortos do El Dourado dos Carajás
FONTE: <https://www.facebook.com/LevanteSorocaba/?fref=ts>

Em uma universidade filantrópica da cidade –Uniso- o Levante organizou, juntamente com outros movimentos juvenis, um ciclo de palestras sobre os 50 anos do golpe civil militar, convidando para o debate personalidades históricas que lutaram contra a ditadura ou que buscam resgatar a memória da época, como militantes, intelectuais e jornalistas.

Nesta mesma universidade, alguns dos estudantes que cursavam jornalismo e que integravam o LPJ participaram de uma manifestação contra o aumento da mensalidade acima da inflação e contra cortes no FIES, que resultou em ocupação da reitoria pelos alunos e da suspensão de algumas pessoas, entre elas alunos do LPJ.

Atuação nas ruas

No ano de 2013, período das manifestações de junho, a cidade de Sorocaba viveu uma intensa onda de manifestações, que se iniciou contra o aumento da passagem de ônibus e se expandiu para pautas difusas, fenômeno que ocorreu em todo o país. A participação do LJP se deu na composição de uma frente ampla de forças políticas dentro do movimento Contra Catraca.

A Frente Contra Catraca em Sorocaba teve a participação de vários movimentos juvenis, que discutiam questões como trajetos, estruturas de som, microfones e algumas regras de condutas. A grande massa de manifestantes foi mobilizada pela internet e não integrava nenhuma organização política, que, segundo relatos da Guarda Municipal, chegou a reunir cerca de 20 mil pessoas.



FIGURA 6: Frente Contra Catraca Sorocaba

FONTE: <https://www.facebook.com/LevanteSorocaba/?fref=ts>

Houve dificuldades dos movimentos sociais de juventude da cidade em dialogarem com esse formato, não pelas manifestações de rua que foram mobilizadas pelas redes sociais, porque esta já fazia parte da tradição desses movimentos, mas pelo fato das pautas se ampliarem a ponto de perder a centralidade da questão colocada inicialmente, que era a redução da passagem do ônibus.

A gente viu as manifestações de junho, viu como aquilo estava caminhando, que começou pelo passe e no meio de tudo o pessoal começou a ir pra rua pedir por saúde, educação. Virou um monte de pautas difusas, que no fim não construiu uma luta e as pautas difusas acabaram atrapalhando demais e disseminando muitas ideias diferentes, você não pauta uma ideia única e você não consegue fazer com que toda aquela massa seja uma massa fortificada, porque não dá para saber o que aquela massa quer. (JOSÉ, 24, LPJ)

Em 2014, ano em que se completou 50 anos do golpe civil militar no Brasil, em uma Jornada de Lutas da Juventude por Memória, Verdade e Justiça, o Levante de Sorocaba, em parceria com outros dois movimentos, organizaram uma manifestação na cidade de Votorantim. A cidade fica ao lado da cidade de Sorocaba e foi escolhida porque o nome da principal avenida da cidade, 31 de Março, presta homenagem ao dia em que ocorreu golpe civil militar de 1964.

A avenida foi criada por volta de 1969, pelo mandato do vereador Lazaro Alberto de Almeida, que propunha expandir uma das ruas da cidade e transformá-la em uma avenida. Após muitas tentativas, a Câmara do Municipal dos Vereadores conseguiu sua expansão, mas a nomeação somente aconteceu após uma comissão de vereadores se deslocarem para São Paulo, onde lhes foram apresentados os nomes 'General Castello Branco' e '31 de Março' para que escolhessem um entre os dois nomes sugeridos.

Apesar de o período militar ter acabado em 1985, a avenida continuou com o mesmo nome, sendo bastante conhecida em Votorantim e região. No entanto, vem sendo questionada pelos movimentos sociais, que solicitam sua renomeação. Na manifestação, os movimentos levantaram faixas e bandeiras com expressões como "31 de março não é dia de festa!", "para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça" e cartazes com nomes de pessoas que foram mortas pela ditadura.

Durante o ato, foi realizada uma renomeação simbólica da Avenida 31 de Março, rebatizando pelo nome de Avenida dos Vanguardeiros, cujo nome

traz uma vinculação histórica muito mais próxima aos moradores da cidade. O Movimento dos Vanguardários foi um movimento de pessoas que moravam principalmente nos bairros operários, que se organizaram para pedir o desmembramento do então distrito de Votorantim da cidade de Sorocaba.

Em setembro de 2014, os movimentos sociais de todo país se organizaram para a realização de um Plebiscito Popular por uma Constituinte Exclusiva e Soberana sobre o Sistema Político, que recolheu votos de toda a sociedade, reivindicando a possibilidade de realizar um Reforma Política através da realização de uma constituinte exclusiva.

O Plebiscito Popular não tinha poder deliberativo, mas foi uma estratégia de mobilização da sociedade em torno da necessidade de se fazer uma reforma política com a participação popular. A organização aconteceu através da distribuição de urnas por todo o país, em que a população responderia a pergunta “você é a favor de uma Constituinte Exclusiva e Soberana do Sistema Político?”, assinalando a cédula com sim ou não.

Em Sorocaba, o Levante participou ativamente desse processo, articulando-se em conjunto com jovens de organizações partidárias e de outros movimentos sociais, formando uma Frente para organização de um Plebiscito Popular, montando urnas para recolher os votos e discutindo a importância da reforma política com a população.



FIGURA 7: Plebiscito pela constituinte exclusiva

FONTE: <https://www.facebook.com/LevanteSorocaba/?fref=ts>

As urnas foram montadas em vários espaços da cidade, como calçadas, faculdades particulares, universidades, terminais de ônibus, praças, sindicatos, etc. Em cada local, havia militantes conversando com a população sobre a importância de uma reforma política que fosse realizada através de uma constituinte exclusiva. O total de votos em Sorocaba foi de 12.245 pelo sim e 248 pelo não.

No ano de 2015, as lutas em defesa de uma reforma política popular continuaram e, em fevereiro, o movimento organizou uma festa de carnaval em defesa da constituinte pela reforma política, convidando principalmente jovens de organizações de esquerda para a comemoração. Os espaços festivos e culturais, além de cumprirem o papel de se constituírem em ambientes de sociabilidades juvenis, também se apresentam como momentos de formação política, nos quais há muitas trocas de experiências e articulações.



FIGURA 8: Carnaval da Constituinte

FONTE: <https://www.facebook.com/LevanteSorocaba/?fref=ts>

Em memória do golpe civil militar, no dia 1º de Abril, o movimento promoveu um ato político em praças centrais da cidade, com o objetivo de resgatar a memória das pessoas que foram mortas pela ditadura, realizando uma aula pública e colando cartazes com os rostos de jovens que sumiram ou foram mortas pelo regime.

O nosso último ato foi pautado em cima disso, nós fizemos uma mística ⁶em três praças, fazendo falas, conversando com as pessoas com fotos de sorocabanos desaparecidos, perguntando se tinham visto aquela pessoa em algum lugar. A pessoa falava que não, e depois a gente mostrava uma parte debaixo que estava tampado, que dizia “morto pela ditadura” em tal ano. A gente pegou uma caixa de som e fez uma fala pública explicando o que era cada uma daquelas pessoas, que eram sorocabanos, que a gente nem sabia a pouco tempo atrás que eram desaparecidos, inclusive o mais jovem, que a ditadura assumiu a morte dele, tinha 14 anos, que era sorocabano, foi morto numa viagem para Londrina (JOSÉ, 24, LPJ)

Nessa intervenção, apresentavam as fotos dos jovens desaparecidos e perguntavam para o público se não teriam visto aquelas pessoas, revelando depois que foram mortas pelo regime militar.



FIGURA 9: Ato em memória aos mortos da ditadura militar
FONTE: <https://www.facebook.com/LevanteSorocaba/?fref=ts>

Em abril de 2015, numa semana de várias atividades do Fórum Social Sorocaba⁷, fórum constituído por uma frente ampla de movimentos sociais, com objetivo de discutir o acesso à cidade, o Levante Popular da

⁶ Mística: expressões culturais e artísticas como experiência de conhecimento.

⁷ É um Fórum de movimentos sociais que acontece na cidade de Sorocaba onde se debatem questões referentes à cidade, trocam experiências, criam estratégias de lutas e pautam bandeiras desses movimentos.

Juventude preparou uma atividade para contribuir com sua participação, realizando uma ocupação urbana.

O movimento ocupou um prédio de uma antiga estação de distribuição de energia da Companhia Piratininga Força e Luz (CPFL), que estava abandonado há mais de 20 anos e que, naquele momento, pertencia ao grupo Macer Droguistas, ao qual a rede de farmácias Farma Ponte é afiliada. O imóvel foi leiloadado em setembro de 2013, pelo valor de 150 mil reais, com uma área de aproximadamente 5,6 mil metros quadrados, com área construída de 1,8 mil metros quadrados.



FIGURA 10: Ocupação do prédio antigo prédio da CPFL
FONTE: <https://www.facebook.com/LevanteSorocaba/?fref=ts>

A ocupação trouxe à tona algumas questões, como o fato do imóvel estar sendo estudado para tombamento histórico desde 1998 e não ter seu processo concluído; o fato de o prédio ter sido leiloadado bem abaixo do valor de mercado e o motivo do imóvel ter sido abandonado por tanto tempo.

Através da ocupação, o movimento procurou chamar a atenção da sociedade, principalmente do poder público, para a falta de espaços públicos de sociabilidade juvenil, como espaços de cultura, lazer e arte. A ocupação de um prédio histórico abandonado, trouxe à tona, devido ao fato de ser privado, a questão do papel social da propriedade privada e as consequências sociais da especulação imobiliária.

Existe no mundo inteiro uma crise econômica que está colocada pra gente, isso faz com que o cobertor fique mais curto, e com o cobertor mais curto as elites e a classe dominantes puxem para seu lado. Então existe uma ofensiva conservadora em curso no nosso país e no mundo. A gente precisa ousar porque é exatamente com ousadia que a gente vai conseguir lutar contra isso. Então ocupar uma propriedade privada como essa é uma ousadia, porque a gente tá colocando que a propriedade privada também tem que ter uma função social na sociedade. (Gabriela, 21, LPJ)

A proposta do movimento era promover um dia de ocupação, sendo mais uma ação simbólica do que realmente uma ocupação física do espaço, realizando debates, formação e atividades culturais para a juventude. O lema da ocupação era ‘Trampo: ocupar, ousar e produzir’, que trazia a ideia de que a ocupação possibilitaria aos jovens realizar uma forma de produção, no sentido artístico e cultural, se efetivando como uma forma de trabalho.

Bom, a gente está aqui nesse espaço que não produz nada. É um espaço que tá parado há muito tempo, faz anos que a gente só encontra pó aqui. E o que a gente quer é construir um ambiente em que se possa produzir arte, se possa produzir cultura para as pessoas. A gente está num espaço que é público, que é da cidade. Que deveria ser da cidade. Um espaço para produzir algo para nós, que foi negado à nossa classe trabalhadora poder estar nesses ambientes para ter também lazer e não só ficar produzindo para o capital. A gente quer produzir para nós enquanto pessoas, enquanto juventude, que a juventude tem direito de espaços para produzir sua arte, para produzir o que ela precisa para sua vida. Que a gente não vive só de trabalhar para o capital, a gente deve trabalhar também para se desenvolver como pessoas [...] (CLÁUDIA, 21, LPJ)

A ocupação não conseguiu se efetivar no formato que o movimento esperava devido às ações da polícia, que logo de manhã foi até o local e trancou o portão, liberando somente a saída e não permitindo a entrada. No entanto, teve seu êxito pelo destaque que conseguiu atingir na mídia, pela nota da prefeitura, que se comprometeu a verificar a situação do tombamento histórico

do prédio e pelo compromisso assumido por um vereador em investigar as condições em que ocorrera o leilão do imóvel.



FIGURA 11: Ocupação do prédio antigo prédio da CPFL
FONTE: <https://www.facebook.com/LevanteSorocaba/?fref=ts>

Após a ocupação do imóvel, o Levante finalizou o dia com uma atividade cultural chamada Sarau da ocupação, que ocorreu no Sindicato dos Metalúrgicos, como objetivo de propor uma reflexão política sobre o direito à cidade e o papel que a propriedade privada desempenha em nossa sociedade.

Nessa atividade, havia vários perfis de jovens, entre eles militantes do Levante Popular da Juventude, lideranças políticas responsáveis por coordenar ocupações por moradias populares na cidade, militantes do sindicato, jovens de partidos de esquerda e do movimento estudantil, jovens cantores de *Rap*, entre outros.



FIGURA 12: Sarau da ocupação
FONTE: <https://www.facebook.com/LevanteSorocaba/?fref=ts>

O Sarau da ocupação contou com uma mística, em que algumas cadeiras tinham cartazes com dizeres “propriedade privada”, nas quais era proibido a sentar-se, obrigando algumas pessoas se sentar no chão, já que não havia cadeira para todos. O objetivo dessa mística era promover a reflexão sobre o fato de uma propriedade privada não estar cumprindo um papel social, uma metáfora que remetia ao questionamento sobre o papel social que um imóvel abandonado há mais de 20 anos poderia estar cumprindo na cidade.

Nas periferias de Sorocaba, a atuação do LPJ é bem tímida, mesmo assim participaram de algumas atividades de saraus, piqueniques, pinturas de muros e manifestações de ruas. Um exemplo foi a atividade ‘Nós por Nós’, uma campanha nacional do Levante que buscava se aproximar das periferias com atividades demandadas pela comunidade. Em Sorocaba, o LPJ realizou uma gincana em uma praça de um bairro de periferia e levou crianças para pintarem um muro, como forma de se expressarem artisticamente, porém contou com pouca participação de jovens.

A semana nós por nós é a gente estar dentro da periferia e a gente está fazendo o ato onde a galera precisa mesmo de cultura e a criançada precisa mesmo aprender que eles mais do que escrachados pela polícia têm direito de aprender a pintar, de se expressar da melhor forma possível, e é isso aí, juventude que ousa lutar, constrói o poder popular (Erico, 16, LPJ).



FIGURA 13: Vídeo ‘Nós por nós’- LPJ Sorocaba

FONTE: <https://www.facebook.com/LevanteSorocaba/?fref=ts>

O piquenique é ato bem frequente do movimento e se constitui não apenas com um momento de diversão, mas principalmente como um encontro de formação política, no qual se discutem as questões políticas da cidade e do país, com a realização de dinâmicas culturais, almejando aproximar os jovens do LPJ. Outra estratégia do LPJ para dialogar com esses jovens é a elaboração de paródias musicais, em que cantam músicas que estão registradas em seu cancionário, utilizando estilos como *Rap*, *Funk* e *Reggae*, mas com letras que coloquem em pauta as questões defendidas pelo LPJ.

Revolução no coração e na comunidade
 O levante te convida pra mudar a realidade (2X)
 Ei, se liga, acampamento não é tudo, é ponto de partida, ela muda a vida, mudou a minha vida (2x).
 Se a juventude é a arma, você é a munição.
 O levante te convida pra fazer revolução
 180, 180, 360 (2x)
 Arrocha, arrocha, arrocha com alegria
 Cuidando da terra com Agroecologia (2x)
 Se a juventude se dedica
 A luta multiplica (2x)
 Juventude que ousa lutar
 Constrói o poder popular (2x)
 (ARROCHA DO LPJ)

Atuação nas escolas públicas

Nas escolas públicas, a participação do LPJ acontece principalmente na condução de debates com alunos em escolas onde há proximidade com estudantes ou professores. Durante o período da pesquisa, foram convidados para participar da realização de jornadas de debates, os quais ocorreram em duas escolas, debates esses aos quais consegui acompanhar. Sua contribuição com o evento deu-se através da condução de salas de debate a respeito da 'Reforma Política', 'Democratização da Mídia' e 'A condição da Mulher no Brasil', que são as principais bandeiras defendidas pelo movimento.



FIGURA 14: Semana de debates na escola AVC.

FONTE: <https://www.facebook.com/LevanteSorocaba/?fref=ts>

O movimento dialogou com os jovens de ensino médio a respeito de como a concentração midiática implica diretamente na vida deles, destacando a importância da democratização da mídia para que a pluralidade de informações chegue a todos os jovens de forma não distorcida.

No debate sobre a mulher no Brasil, o movimento optou por realizar duas rodas de discussões separadas, sendo que uma sala contou exclusivamente com meninas e a outra sala com meninos. Dessa forma, constituiu-se um espaço em meninas e meninos poderiam refletir sobre sua condição na sociedade de forma mais específica. Tais debates permitiram aos alunos compreender como as práticas machistas estão enraizadas na cultura brasileira e como estas são reproduzidas em nosso cotidiano.

Em novembro de 2015, período em que ocorreram as ocupações das escolas públicas estaduais, a cidade de Sorocaba teve 21 escolas ocupadas, com alunos acampando nelas por algumas semanas. Essas ocupações contaram com forte apoio de parte da comunidade e de muitos movimentos sociais, com a doação de alimentos, colchões e produtos de higiene, mas também participando através da realização de atividades culturais no interior das escolas.

Os movimentos sociais de juventude da cidade buscou se aproximar das escolas ocupadas, em algumas houve uma aproximação maior, mais em muitas delas os próprios alunos não permitiram a entrada de pessoas que não

tivesse vínculos com a escola, sendo permitido participar somente das atividades culturais abertas à comunidade. A busca por aproximação acabou criando um ambiente de disputa entre os movimentos sociais de juventude, cada um buscando delimitar seu espaço de influência.

O LPJ se aproximou dos alunos em duas escolas ocupadas, sendo que, em uma delas, na qual conseguimos acompanhar, uma de suas militantes passou praticamente todo o período da ocupação acampada junto com os alunos, participando dos debates, das tarefas diárias, da construção da agenda cultural, entre outras coisas. Após o término da ocupação, alguns alunos da escola acabaram se aproximando do LPJ.

Atuação nas redes sociais

Na internet, o principal meio de comunicação do LPJ é o facebook, pelo qual, através de sua página, divulga suas ações, que até janeiro de 2016 tinha 2.140 curtidas, realiza eventos para as manifestações e cria arte gráfica para alimentar o debate nas redes sociais. As ações realizadas pelo movimento são todas postadas nas redes sociais, garantindo uma maior visibilidade

Nesta página, a maior parte dos compartilhamentos trata da política de modo geral, envolvendo questões nacionais, como pautas dos movimentos sociais, embate entre esquerda e direita, violência de gênero, etc. Já as postagens mais específicas, que envolvem as questões relacionadas aos problemas da juventude da cidade, são minoritárias.

Como forma de aumentar seu potencial político, o LPJ busca associar-se a outros movimentos, constituindo-se em redes de comunicação, através das quais difundem determinadas informações em conjunto com outros movimentos sociais, como atos, manifestações, bandeiras de luta, etc.

Houve alguns casos em que os movimentos sociais se constituíram como uma rede para repercutir determinadas pautas de lutas em comum. Dentre elas, pode-se citar a luta pela redução da tarifa de ônibus, a ocupação da reitoria

da Universidade de Sorocaba (UNISO), em que estudantes do Levante foram suspensos, além do caso de autoritarismo contra o movimento feminista da Faculdade de Direito de Sorocaba.

No caso da UNISO, em 2014, houve um aumento de 8,9% nos valores das mensalidades, algo em torno de 2,5% acima da inflação, que na época foi de 6,4%. Cerca de 300 alunos ocuparam a reitoria e fizeram protestos contra a universidade filantrópica, alegando que o aumento acima da inflação era abusivo e dificultava a permanência deles no curso. O desfecho da ocupação foi a suspensão de nove alunos, os quais a universidade considerou serem lideranças de reação dos movimentos sociais de juventude da cidade contra a universidade.



FIGURA 15: Ato contra o reajuste de mensalidades UNISO
FONTE: <https://www.facebook.com/LevanteSorocaba/?fref=ts>

Outra situação que mobilizou os movimentos sociais da cidade, nas redes sociais, foi o caso da Faculdade de Direito de Sorocaba, no qual um coletivo feminista, que conduzia um debate sobre a questão da mulher no Brasil, presenciou uma cena de autoritarismo por parte do diretor da faculdade. O debate estava sendo conduzido e o diretor solicitou que um professor da faculdade deveria falar naquele momento, não respeitando o processo de

inscrição. Ao ser questionado pelo público, o mesmo irritou-se com a platéia e alegou ser o ‘dono da casa’.

O acampamento estadual do Levante

Em dezembro, na cidade de São Carlos, o LPJ realizou o seu II Acampamento estadual do Levante Popular da Juventude do estado de São Paulo, que teve a duração de três dias, ao qual tive a oportunidade de acompanhar.

Para a realização do acampamento, a coordenação do Levante estadual realizou uma campanha de arrecadação de fundos pela internet, com objetivo de arrecadar 40 mil reais, a fim de garantir que o evento ocorresse, já que seria necessário garantir ônibus, alimentação e estrutura para cerca de 600 jovens de todo o estado.

A campanha foi realizada através da criação de uma conta pelo Catarse.me, um site de arrecadação coletiva que possibilita a arrecadação via depósito online. A campanha resultou numa arrecadação de aproximadamente 43 mil reais, garantindo a realização do acampamento na data prevista.

O acampamento aconteceu em um espaço pertencente a uma antiga fábrica de asfalto da cidade de São Carlos, com o tamanho de 25 mil metros quadrados. No momento da pesquisa, o local estava sendo ocupado pelo coletivo Ver(a)cidade, uma ONG que trabalha com difusão da permacultura urbana, que [...] é uma ciência que reúne soluções alternativas e responsáveis às grandes áreas e demandas materiais da vida, tais como alimentação, energia, construções e água.” (*VER(A)CIDADE, 2013*).

As famílias que moravam nesse espaço, trabalhavam com hortas orgânicas e produtos de fabricação artesanal, como cerveja, doces, comidas, etc. Nesse ambiente, viviam de maneira comunitária e dividiam as tarefas diárias, com o objetivo de construir um espaço melhor para todos.

Aquele espaço teve como objetivo, além de garantir as condições estruturais do evento, como salas para debates, banheiros e cozinhas, possibilitar aos jovens uma ampla experiência pedagógica e cultural, envolvendo-os em uma série de atividades ligadas à permacultura, como trabalho no plantio, restaurações e melhorias do espaço.

A organização do acampamento foi estruturada a partir do princípio da construção coletiva e da solidariedade, fazendo uso de dinâmicas pensadas para o seu funcionamento e que envolvessem a participação de todos os jovens que estavam presentes naquele momento, dando condições para que o acampamento funcionasse.

A começar pela organização do espaço em que aconteceu o acampamento, a coordenação do LPJ convidou, através da sua página no facebook, todos os militantes, que tivessem disponibilidade, para a formação de uma brigada⁸ para trabalhar nos preparativos necessários para a realização do evento. Entre os preparativos, incluiu-se organizar o barracão no qual ocorreria a plenária principal, roçar a grama onde ficariam as barracas dos acampados, organizar o espaço onde seria servido o almoço, preparar a estrutura dos banheiros e dos chuveiros, etc.

Todos os participantes foram inscritos em alguma brigada para manter o acampamento funcionando. Parte da divisão das brigadas foi organizada por ônibus. Os jovens que vieram em determinados ônibus seriam responsáveis por servir o café da manhã, outros serviriam o almoço e outros o jantar. Como o evento teve a duração de três dias, todo mundo, de alguma maneira, foi envolvido nas tarefas coletivas.

⁸ Grupo de trabalho responsável por conduzir determinadas tarefas.



FIGURA 16: Acampamento estadual do Levante São Paulo
FONTE: <https://www.facebook.com/LevanteSorocaba/?fref=ts>

A orientação mais enfática no acampamento foi transmitida pelas meninas que coordenavam a brigada. Enfatizaram que o LPJ não toleraria de maneira alguma qualquer forma de expressão machista, racista ou homofóbica durante aqueles dias. Em todos os dias do evento, o respeito à diversidade se expressava de várias formas: oralmente, através de cartazes e, principalmente, por meio das músicas.

Como o Levante Popular da Juventude se popularizou nacionalmente com os chamados 'escrachos', que pedia punição aos torturadores do período militar, resolveu-se finalizar o acampamento com uma ocupação da rodovia Washington Luís. O ato serviria para pressionar o Supremo Tribunal Federal para a realização da revisão da Lei da Anistia, que concedeu anistia política aos ditadores que praticaram crimes na época da ditadura.



FIGURA 17: Notícia sobre a ocupação da rodovia

FONTE: <https://www.facebook.com/LevanteSorocaba/?fref=ts>

A possibilidade de vivenciar não só um momento, mas também um espaço, organizado e conduzido pelos próprios jovens, no qual a diversidade de expressões culturais apresentou-se com a principal forma de diálogo, de vivência de realidades e das diversidades, fez do acampamento uma rica experimentação política.

2.4 Levante Popular da Juventude, uma nova forma de participação juvenil?

Novas formas de participação têm surgido com características distintas e com mudanças e rupturas de princípios organizacionais, tendo como eixo fortes pressupostos culturais e menos hierarquia. (MELUCCI, 2001) O LPJ é um movimento que surgiu nesse contexto e dialoga com alguns desses novos elementos, mas, ao mesmo tempo, mantém muitos aspectos da política tradicional e resgata práticas políticas muito antigas.

É possível perceber que o Levante Popular da Juventude consegue apresentar várias inovações na forma de fazer política, principalmente ao estabelecer uma linguagem mais próxima do sujeito jovem, com a incorporação

de intervenções culturais na sua maneira de fazer política, como por exemplo, a mística, a agitação e propaganda, saraus, batucadas, etc.

Mas, em relação a outras entidades políticas, era mesmo por eu não me identificar pela forma que isso era apresentado a mim, pelo Levante ter essa característica de apresentar a política de uma maneira cultural, foi o que me atraiu. (JOÃO, 21, LPJ)

Suas lutas contribuem para trazer à tona questões que, muitas vezes, possuem certa invisibilidade social, por exemplo, determinadas práticas cotidianas, como o machismo, racismo, homofobia. Favorecem ainda à reflexão sobre questões que envolvem o direito à cidade (HARVEY, 2012), como é o caso das lutas em torno do transporte público ou através da ocupação do prédio da CPFL, que se encontrava abandonado.

Nesse sentido, o movimento parece ter uma dimensão educativa importante, como por exemplo, no caso da coleta de votos para o plebiscito popular, em que o diálogo com a população possibilitou refletir sobre os problemas do nosso sistema político. Ou ainda na própria atuação nas escolas públicas, participando em atividades durante o período letivo, com oficinas e debates em parcerias com professores e escolas com as quais tinham proximidade.

Aproximar os movimentos sociais das escolas permite ampliar a reflexão a respeito dessas discussões com os alunos, mas essa aproximação tem sido pouco valorizada por muitas escolas e por agentes políticos, que orientam diretores a não permitirem entrada desses movimentos, como o ocorrido no caso da coleta de votos para o plebiscito popular, que mesmo constando na Lei de Diretrizes de Base⁹ da Educação Nacional (LDB) de 1996,

⁹Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e

em seu primeiro artigo, a importância dos movimentos sociais no processo educativo, não permitiram que fossem coletados votos dos estudantes.

Nas ocupações das escolas públicas, o LPJ esteve presente em algumas escolas, auxiliando os estudantes em termos de organização, realização de assembleias e na articulação de apoio político, jurídico e de infraestrutura. Sempre utilizando de seus contatos na cidade. Serviu ainda como estratégia para aproximar os jovens de algumas escolas ocupadas do Levante.

As pautas de luta do LPJ são bastante diversificadas, pois se apropriam de bandeiras de lutas de movimentos tradicionais aos movimentos mais recentes, tais como a luta contra a PL 4330, do movimento sindical, ou contra homofobia, machismo e redução da tarifa de ônibus, que são pautas de movimentos contemporâneos.

As lutas propostas por essas pautas são realizadas não somente na incorporação das mesmas pelo LPJ, mas fazendo parte da construção de ações coletivas que transcendem o Levante, como a Marcha das Mulheres ou o Contra Catraca, que são construídas em conjunto com outros movimentos.

Então a gente debate aqui dentro de Sorocaba, junto com outras organizações, tipo que nem o contra catraca, tanto é uma demanda nacional quanto uma demanda municipal lutar pelo passe livre. Por isso a gente se organiza também no Contra Catraca. (JOANA, 13, LPJ)

A participação em rede é algo que faz parte desse contexto de novas formas de ações coletivas, em que jovens não se limitam apenas a compor uma organização política, mas atuam em grupos ou coletivos com os quais se identificam, sem necessariamente entrar em conflito ou divergência por

pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (LDB, 1996).

ocupar outros espaços, e isso é perceptível no perfil dos militantes que integram o LPJ.

Eu participo do Mandala aqui da UFSCar, que é um movimento LGBT, de diversidade sexual, que sinto muita falta, mas que a gente está colocando esse setor em pauta também no Levante, a gente está construindo, temos seis pessoas já nesse setor de Sorocaba, diversidade sexual (MARIA, 18, LPJ).

Essas redes também se constituem através da internet, que é algo central na organização do LPJ. É através dela que realizam as mobilizações de massa e pautam as bandeiras e lutas que precisam obter visibilidade, estabelecendo uma relação dialética entre o mundo virtual e real, afinal utilizam as redes para sensibilizar os jovens nas ruas e as imagens produzidas nas ruas alimentam as redes.

A lógica da difusão em rede, que possui um aspecto horizontal, consegue fazer uma contraposição ao tipo de comunicação estabelecida pelos grandes meios de comunicação, que ainda têm uma estrutura comunicativa verticalizada. Organizando-se em redes, os movimentos conseguem dispor narrativas, produzir vídeos, imagens, retratar manifestações, enfim, conseguem constituir um verdadeiro “[...] laboratório nas quais novos modelos culturais, formas de relacionamento, pontos de vistas alternativos são testados e colocados em práticas. (MELUCCI, 1997, p. 06).

Todavia, mesmo fazendo parte dessas ações coletivas, que se organizam de maneira descentralizadas, com dinâmicas mais horizontais e fluídas, percebe-se que a estrutura de organização do LPJ e suas práticas políticas assumem certas características tradicionais.

Chama atenção o resgate que o LPJ faz de práticas e conceitos bem antigos da política, como por exemplo, as células. A ideia das células está baseada na teoria revolucionária discutida por Lênin em uma conferência em 1908, na qual apontava a necessidade de se criar o maior número possível de células do partido para se chegar ao socialismo.

Não foi possível saber se o LPJ resgatou o sistema de células com o mesmo objetivo que este cumpria na Revolução Russa, mas sua função na estrutura do movimento, aparentemente, acaba cumprindo muito mais um papel de nucleação de pessoas do que uma ação revolucionária.

A gente fez recentemente a ocupação do prédio antigo da CPFL, são atividades agitativas, né. Já saímos pra colar lambe-lambe na cidade. Mas eu acho que aqui em Sorocaba nossa atuação está muito envolvida com movimento estudantil e centralizada. Não conseguiu ainda se espalhar, numa célula, por exemplo, na periferia. É bem por aqui mesmo. Mas as nossas atividades são de tudo, são as pautas que surgem e a gente tá tocando elas. (CLÁUDIA, 21, LPJ).

A principal forma de viabilidade econômica do movimento se dá através da aproximação de estruturas políticas como sindicatos, partidos, mandatos, negociando seu capital político e sua inserção entre os jovens. Em Sorocaba, durante o período dessa pesquisa, aproximaram-se bastante do Sindicato dos Metalúrgicos, que é um sindicato ligado à Central Única dos Trabalhadores e ao Partido dos Trabalhadores. Nesse caso, é importante refletir se sua independência não fica comprometida pelos vínculos que são estabelecidos entre o LPJ e o sindicato, interferindo em sua liberdade política e seu posicionamento ideológico.

Sua estrutura de organização verticalizada possibilita difundir as linhas de comando que vem de instâncias superiores, inserindo determinadas pautas nacionais nas instâncias municipais, como determinadas campanhas, bandeiras de lutas, refletindo uma cultura bastante centralista. Ao mesmo tempo, as demandas que chegam da coordenação nacional nem sempre representam as prioridades dos jovens da cidade.

A partir da campanha 'Nós por nós', realizada pelo LPJ, foi possível perceber, de forma mais clara, os problemas que implica no centralismo do movimento. A campanha envolvia a realização de atividades nas periferias das cidades, porém pelo fato de não representar uma demanda local, acabou sendo

realizada apenas com cumprimento de uma tarefa, não atingindo a meta de envolver os jovens da periferia.

Essa relação com os jovens das periferias aparece em outros momentos, como pode ser constatada em uma das entrevistas realizada com membros do LPJ, que apresentava uma proposta de realizar um campeonato de vídeo game na periferia.

Então vamos começar a responder essas demandas dos jovens de periferias começando a fazer um Sarau, em breve queremos fazer um campeonato de vídeo game, um campeonato de futebol. Por exemplo, o campeonato de vídeo game. Por mais que sejam ações que não tenham um caráter político forte, só de colocar eles para organizarem, para sentarem juntos e pensarem como vai ser, como vão arrecadar dinheiro para realizar isso, onde vão conseguir televisão para ligar o vídeo game, a gente já vai conseguir tá respondendo a demanda deles por organização. A partir do momento que eles formarem um núcleo para realizarem um campeonato de vídeo game, tá pronto para esse núcleo começar a fazer formação política e começar a fazer luta. Então vamos por esses caminhos (JOSÉ, 21, LPJ).

A demanda pelo campeonato de vídeo game poderia ser entendida como uma demanda pela ampliação dos espaços de lazer nas periferias, o que representaria uma pauta política e uma possibilidade de diálogo do movimento com os jovens sobre essas necessidades. Mas no caso, há uma tentativa de se utilizar da atividade como uma forma de colocar uma pauta do LPJ, que é a formação política, mas que não representa a principal pauta dos jovens da periferia, sendo apenas uma estratégia de “atrair” jovens para o movimento.

Essa estratégia reproduz a mesma visão estereotipada que algumas instituições políticas costumam ter com relação aos jovens, que ao se interessar por uma renovação geracional, pretendem aproximar os jovens das instituições, mas sem a preocupação de absorver as suas reais demandas, pois não compreendem que os temas juvenis são questões que devem ser levadas a sério. (ABRAMO, 1997)

Ao se observar alguns aspectos da dinâmica cultural do movimento, verifica-se que esse mesmo problema aparece na forma como o LPJ utiliza da musicalidade, que é algo muito presente nas diversas atividades que realizam, tornando-se simplesmente uma maneira de se aproximar dos jovens das periferias, ou seja, parodiando músicas de muitos ritmos para dialogar com estes.

No relato a seguir, fica evidente que o diálogo com os jovens é realizado através da apropriação de elementos da cultura juvenil para a imposição de pautas que atendam a demandas que são de interesse do Levante e não dos jovens com quem pretendem dialogar.

Tipo o *Funk*, quantos jovens a gente não vê precarizando o *Funk*, falando que é uma droga, e outros que curtem muito esse estilo. Tem certas letras de *Funk* que não são muito agradáveis, tem! Mas a gente pode fazer com que uma dessas culturas grandes, que é uma cultura muito grande, **atenda as nossas demandas também** (grifo meu) (JOANA, 13, LPJ)

O problema dessas ações é que ela não se constitui enquanto um movimento cultural que nasce de uma realidade local, como por exemplo, o *Rap*, o *Hip hop*, *Funk* e o Movimento *Punk*, que refletem uma realidade de uma determinada juventude ou uma visão ideológica, mas sim de uma apropriação de um ritmo parodiado com as visões políticas do LPJ. Caracterizam-se pela mesma estratégia utilizada por algumas instituições para aproximação dos jovens, como igrejas, sindicatos, partidos políticos, que buscam aproximar os jovens, mas não estão dispostos a promover uma verdadeira renovação geracional, dando voz e empoderamento aos mesmos.

A luta por pautas de outros movimentos sociais, principalmente do MST, é algo que aparece bastante nas atuações do LPJ, o que pode contribuir para a inserção de questões que geralmente são pouco debatidas, como por exemplo, a reforma agrária e a reforma política. Porém, ao colocar como prioridade a reprodução das pautas dos outros movimentos sociais ao invés de

dialogar com as demandas locais dos jovens da cidade, correm o risco de atuar muito mais como transmissor de pautas do que dialogar com os problemas demandados pelos próprios jovens.

É claro que as pautas levantadas pelos movimentos sociais afetam também os jovens, como a necessidade de uma reforma política, a reforma agrária ou a democratização dos meios de comunicação. A transversalidade faz parte da característica e da dinâmica dos movimentos de juventudes, afinal discutir questões da juventude exige essa transversalidade, o que não significa que não há pautas mais específicas que mobilizam e afetam os jovens. Nesse sentido, ao se apropriar das pautas de alguns movimentos sociais e colocá-las como prioritárias, as demandas mais específicas dos jovens, muitas vezes, ficam em segundo plano.

O Projeto Popular é algo que reflete muito bem esse aspecto. Embora seja encampado pelo LPJ como sendo seu principal projeto político, este foi integralmente absorvido da Consulta Popular, o que coloca em questionamento a autonomia do movimento para criar pautas próprias. Como o LPJ se originou por influência da Consulta Popular e ainda possui um vínculo muito forte, não está muito claro qual a relação entre eles, se de dependência ou de parceria.

Podemos perceber a capacidade dos novos movimentos de se reinventarem, criando hibridismo entre formas de se organizarem com estruturas mais tradicionais e novas formas, como as que se configuram em redes e assumem uma dinâmica de forte conotação cultural.

Há exemplos de movimentos sociais de juventude que se apresentam como movimentos sociais independentes, que demonstram dinâmicas próprias, no entanto possuem íntima vinculação com partidos políticos. A União da Juventude Socialista é um exemplo clássico, pois se apresenta como movimento social independente, mas no meio político institucional é claramente reconhecida como sendo a juventude do PC do B.

Nesse caso, o movimento social pode representar um espaço mais atrativo de aproximação dos jovens, com dinâmicas próprias e relativa independência do 'mundo adulto', porém também como uma forma de trazer os

jovens para mais próximos dos partidos políticos: uma espécie de “porta de entrada”.

Na organização do LPJ há aspectos característicos das novas ações coletivas, mas também há características que os aproximam da forma de organizações mais tradicionais. Será que está surgindo um movimento híbrido, com elemento das novas ações coletivas e dos movimentos tradicionais? Ou trata-se de uma nova juventude partidária ligada a um partido político não institucional, a **Consulta**, já que a característica de absorver discussões das várias esferas da realidade social é típica dos partidos políticos?

Essas são algumas questões relevantes e que podem ser aprofundadas em pesquisas futuras. Os dados até aqui evidenciam o caráter híbrido do movimento, seus limites e contradições. Contudo, para além de compreender o movimento, seus limites e contradições, também faz-se necessário compreender seu lugar na vida de seus integrantes e os sentidos da participação para esses sujeitos. É o que se pretende focalizar no próximo capítulo.

3- OS SENTIDOS DA PARTICIPAÇÃO

A procura pela compreensão dos sentidos da participação dos jovens que integram o LPJ de Sorocaba, contemplando as causas que os levaram a participar da organização, os conflitos geracionais, as dificuldades de ser jovem e fazer política, e o que o envolvimento em um movimento social contribuiu em termos de formação, serão focos desse capítulo. Analisar o que esses jovens dizem a respeito de sua participação numa organização política, possibilita compreender melhor como ocorrem os processos sociais nos quais estes estão inseridos. (RAMOS, 2011)

Os sentidos da participação vão além do limite da representação política tradicional, não se reduzindo ao âmbito das negociações política ou disputas pelo poder, afinal tão somente a democracia eleitoral não é capaz de sustentar a democracia enquanto sistema. Quanto mais expandidos forem os espaços da experiência social, maiores serão os sentidos e significados, por haver uma diversidade de subjetividades muito amplas, que devem ser valorizados para a construção de novas culturas democráticas. (CELIBERTI, 2005)

No caso desta pesquisa, que busca analisar um movimento social de juventude, compreender os sentidos da participação implica em olhar não apenas para o movimento, mas principalmente para seus atores, como estes constroem suas formas de ser jovem e o que os motivam a participar. (DAYRELL, 2003)

Na perspectiva de melhor compreensão dos sujeitos, optou-se por começar apresentando uma síntese de cada uma das entrevistas realizadas com cinco integrantes do Levante, apresentando alguns aspectos de seus perfis, a trajetória até a entrada para o movimento e as motivações para integrar o LPJ.

3.1 O Levante na vida e a vida no Levante

Joana: “A gente não vai aceitar falas machistas”

Joana tem 13 anos, cursa o ensino fundamental e entrou para o LPJ há um ano. Antes de entrar para o LPJ, nunca havia participado de qualquer organização, grupo organizado ou movimento social. Sua participação no Levante se deu a partir de um convite de sua professora substituta, Gabriela, que foi uma das responsáveis por organizar o Levante na cidade de Sorocaba.

Após conhecer o Levante, Joana procurou participar de algumas reuniões de outras organizações, no entanto estas não lhe agradaram muito, principalmente por conta de algumas práticas observadas e consideradas por ela como preconceituosas e que, segundo a mesma, ‘não dialoga’ com determinadas necessidades dos jovens.

Uma das coisas que a garota enfatizou, em sua entrevista, com relação ao que achava ser diferencial do LPJ, foi o fato de seus integrantes usarem a estratégia que chamam de eliminar as contradições, explicitando que é necessário ter muito cuidado com a postura e com a coerência entre os valores que são defendidos e as atitudes que são praticadas: “Se a gente fala sobre o feminismo em nossa organização, a gente tem que deixar claro porque a gente não vai aceitar falas machistas”.

Sua principal área de atuação é o movimento estudantil secundarista, ela diz tentar puxar o movimento na cidade. No Levante, integra a coordenação municipal e diz ter uma participação bastante intensa: “Minha participação no Levante, assim, é bem agitativa, a gente costuma fazer várias místicas, tenta trabalhar bastante com isso e também formação, né.”

Ela afirmou que a coisa que mais gosta no LPJ é a diversidade juvenil presente no interior da organização: “O que eu mais gosto no Levante é as caras que a gente tem, vamos dizer né. [...] Você vai ver todas as juventudes, o sujeito universitário, o secundarista, né, os negros, né, que são gerais também,

os LGBTs. Então acho que essa diversidade que a gente tem dentro da nossa organização, né, do Brasil inteiro também.”

Ao ser questionada sobre o que menos gosta no LPJ, Joana respondeu que seria a incapacidade dos integrantes de barrar certas práticas preconceituosas, como os valores machistas ou homofóbicos no interior da organização: “[...] Então são certas coisas que a gente não consegue controlar, certas atitudes de companheiros dentro da nossa organização que assim, é difícil. Atitude que, às vezes, a gente quer falar e não consegue, atitudes machistas, racistas e, às vezes, a gente acaba nem percebendo mesmo.”

Cláudia: “A coisa da batucada, as oficinas, a formação”

Cláudia tem 21 anos e acabou de se formar em Biologia na UFSCar. Ela conheceu o LPJ aos 19 anos, quando participou com uma amiga do I Acampamento estadual do Levante. Antes de entrar para o Levante, militava no Movimento Estudantil Universitário, atuando no Centro Acadêmico de seu curso.

Durante o acampamento, a intensidade formativa, cultural e política chamou bastante sua atenção: “A coisa da batucada, as oficinas, a formação. Assim, por mais que eu já estava no movimento estudantil fazia uns dois anos, foi a primeira vez que realmente tive uma formação política. Ah, o porquê que a gente quer mudar o que a gente quer mudar, tudo isso em dois, três dias, e foi muito animador.”

Seu ingresso no Levante ocorreu após voltar para sua cidade e decidir construir uma célula. A partir daí continuou participando do Movimento Estudantil, porém agora como integrante do Levante.

Para ela o que mais lhe agradou e motivou-lhe a participação foi o caráter prático da organização: “Eu acho o que me mobilizou foi porque eu achei diferente, eu construí o Movimento Estudantil antes. Eu continuei construindo, mas foi do jeito do Levante. Bem diferente, muito mais prático, muito mais ativo, essa coisa da organização realmente acontece, né.”

Questionada sobre o que menos gosta no LPJ, ela apontou para o excesso de tarefas que deve cumprir, no entanto reconhece a importância destas: “[...] o que eu menos gosto é que é muito tarefeiro, e às vezes, as pessoas não conseguem dar conta de suas tarefas, embora eu saiba que alguém tem que fazer as tarefas, não reclamo disso, mas é difícil. É muita tarefa, a gente não dá conta e sempre esgota as pessoas.”

Como acabou de concluir seu curso, Cláudia diz que está num processo de afastamento do Levante, pretendendo dedicar-se mais à sua vida profissional, passando a participar mais das lutas relacionadas às questões ambientais. Contudo, garante que sempre terá o Levante como uma referência: “E agora é isso, agora eu to me formando, com formação de universidade e ao mesmo tempo política. E daí eu vou construir isso agora, eu quero ser uma bióloga que vai construir o projeto popular. Eu sempre vou pensar nas coisas que a gente viu, né, a forma de falar, com quem eu vou construir, vou fazer um espaço de tal ou tal jeito, não vou ficar falando de uma forma elitista [...]”

José: “Comecei a ver resultados, a ver a mudança acontecendo quando comecei a atuar em coletivo”

José tem 24 anos, trabalha como professor de informática e trancou o curso de economia. Foi durante as manifestações de Junho que começou a entrar em contato com membros do Levante, quando foi constituída, na cidade, uma frente ampla composta de vários movimentos juvenis que reivindicavam a redução da tarifa de ônibus.

Ele afirma que desde os 16 anos busca participar da política, mas percebeu que só é possível transformar a sociedade organizando-se coletivamente: “Eu já participava de outros coletivos antes de entrar no Levante. Muito por perceber a necessidade de estar em coletivo, de estar lutando em conjunto. Participava de ações políticas desde os 16 anos, mas sempre solitário

e nunca via resultado. Comecei mesmo a ver resultados, a ver a mudança acontecendo quando comecei a atuar em coletivo.”

Ao ser questionado sobre o que seria igual no Levante em relação às outras organizações de juventude, ele chama a atenção para as contradições entre o que combatem na sociedade com aquilo que se manifesta no interior da própria organização: “O que tem de igual é que a gente está num espaço permeado pela sociedade, e o que tem de igual com os outros são as contradições que aparecem, às vezes, machismo, homofobia, e outras coisas que aparecem no movimento. Às vezes, até um pouco da relação muito vertical que às vezes acaba aparecendo e que aparecia em outros.”.

Ele afirma que, apesar das contradições existirem, uma das coisas que está colocado como eixo central da organização é a reconstrução de valores, que seria a forma de reagir às contradições: “[...] já que como a gente tem um projeto popular, uma das pautas desse projeto também é a reconstrução de valores, então o tempo todo é pressionado, tem uma série de metodologia de educação para ganhar certos valores novos, de respeito, de companheirismo, que é muito forte dentro do Levante.”

Perguntado se o Levante possui uma concepção de juventude, afirma que esse não é um debate muito comum entre eles: “Hoje a gente não entra muito na conceituação do que é a juventude, a nossa grande discussão é quais são as demandas dessa juventude, a gente sabe que ela existe, a gente sabe que ela está ali. Então a conceituação, existe vários conceitos, mas nunca entramos num conceito geral sobre o que é juventude.”

João: “Essa característica de apresentar a política de uma maneira cultural foi o que me atraiu”

João tem 21 anos, cursa jornalismo e entrou para o Levante recentemente. Conheceu o Levante através de uma colega de sala que o convidou para participar da coleta de assinaturas para o Plebiscito Popular da

Reforma Política, que vinha sendo organizado pelos Movimentos Sociais de todo o país.

Resolveu participar enquanto membro orgânico¹⁰ do Levante, após voltar de uma plenária dos movimentos sociais que ocorreu em Brasília, onde esteve presente. Diz ter sido uma experiência muito rica: “Foi um processo muito rico mesmo e ao final desse período eu decidi que eu gostaria de me tornar um membro orgânico do movimento social.”.

Ele afirma que sempre se interessou por política, por debates, mas que tinha uma visão muito institucionalizada da política: “[...] desde a adolescência, eu sempre me interessei por política, mas eu ainda tinha uma visão muito institucionalizada da política e não tinha proximidade com nenhum movimento político de juventude e com nenhum movimento social também.”.

Apesar de seu interesse por política, João alega que não conseguia compreender as raízes dos problemas de nossa sociedade. A partir de sua aproximação do Levante, começou a participar de processos formativos que facilitaram esse entendimento: “Tipo, comecei a participar de muitos espaços, de debates e leituras que eu nunca havia feito e eram promovidos. E isso me levou a essa reflexão mais ampla de como a sociedade funciona, quais são as forças que disputam o poder político dentro da sociedade e como isso se apresenta a nós [...]”.

De acordo com João, o que mais o atraiu no Levante foi exatamente sua característica como Movimento Social e sua dinâmica muito cultural: “Eu to no Levante exatamente por esse caráter dele de movimento social que foi o que me atraiu, que me apresentou uma nova forma de fazer política, que é muito mais agitativa, massiva, a ideia de conscientização massiva das pautas públicas que beneficiam a população. [...], pelo Levante ter essa característica de apresentar a política de uma maneira cultural foi o que me atraiu.”

¹⁰ Trata-se de um militante que está inserido no movimento, que se declara membro e se faz atuante.

A atuação de João ocorre mais no Movimento Estudantil Universitário: “Dentro da célula, nós elaboramos atividades, espaços de formação e oficinas de acordo com a nossa realidade, que é um ambiente universitário, aqui de Sorocaba, que também é uma realidade específica.”

Maria: “A mística traz muita coisa boa, integra a galera”

Maria tem 18 anos e cursa Pedagogia na Ufscar. Ela conheceu o Levante em Setembro de 2014, durante a coleta de votos para a realização do Plebiscito Popular pela Reforma Política. Maria já participava de outra organização política antes de começar a participar do Levante.

Para ela, o que mais chamou sua atenção e a motivou a participar enquanto membro orgânico do Levante, foi a defesa da reforma política: “Eu conheci o Levante no Plebiscito e achei legal o Plebiscito, a reforma política, do jeito que eles propunham. Quem mais abraçou isso foi o Levante, aí foi mais pela Reforma Política que o Levante acredita.”

Maria começou a participar dos movimentos sociais durante as manifestações de Junho, em 2013, quando tinha 15 anos. Relata que participou de muitos movimentos sociais de juventude e, muitas vezes, não compreendia o que se passava nas reuniões: “Eu fui a algumas reuniões do Domínio Público, só que na época eu tinha 15 anos e eu não entendia nada das reuniões. Era muito academicista, sabe, a galera já tinha formação e eu não.”

Ao ser perguntada se acha o Levante diferente em algum aspecto em relação às outras organizações das quais participou, afirma: “[...] Eu acho que as reuniões, toda a reunião tem formação. Eu sentia muita falta de formação nas outras entidades. E a didática é muito legal e a mística traz muita coisa boa, integra a galera. Isso é diferente no Levante.”.

Os aspectos que ela considera serem muito positivos no Levante, é o fato deste abranger bandeiras mais amplas e dialogar com espaços para além do campo universitário: “Por ser movimento social também e não só movimento

estudantil, que fica só dentro da universidade. Que vê uma coisa mais ampla, um Projeto Popular para o Brasil, e não só disputa a UNE, mas disputa a UNE também, que é também importante.”

Entre as várias atividades do Levante, as de sua preferência são as místicas, que são momentos de intervenção cultural que ocorrem antes de cada reunião: “Eu gosto da mística. Eu gosto da mística porque mexe com a emoção e coloca você dentro das pautas da reunião [...]” Por outro lado, o que ela menos gosta é o que chama de pragmatismo: “[...] e o que eu menos gosto é do pragmatismo quando tem que fazer as coisas. Mas é porque tem que fazer, não porque é ruim, é o sistema.”

3.2 Levante Popular da Juventude: motivações, desafios e dificuldades de ser jovem e fazer política

A chegada no Levante: sentidos, conflitos e contradições

A participação desses jovens no Levante, Joana, Cláudia, José, João e Maria, assim como dos outros jovens pesquisados, mostram que a participação política ainda é um elemento importante para uma parte da juventude brasileira, criadora de sociabilidades e de processos socializadores. Apesar da sociedade responsabilizar os jovens pelo baixo interesse pela política (ABRAMO, 1997), a pesquisa realizada pelo Ibase¹¹ indica que, mesmo não participando diretamente, a maioria dos jovens se preocupa em se informar sobre a política. (RIBEIRO, 2005)

De acordo com esta pesquisa, há um profundo descrédito por parte dos jovens com relação aos políticos e com as formas tradicionais de

¹¹ Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas.

representação política, contudo que não se transfere para a política, pois reconhecem a importância desta para a solução dos problemas. Mais recentemente, pesquisa¹² de opinião realizada pela Secretaria Nacional de Juventude, com jovens entre 15 e 29 anos, revela que uma grande parte dos jovens tem realizado algum tipo de participação política, com 46% dos entrevistados afirmando participar tendo participado de algum grupo ou associação. (SNJ, 2013)

José começou a participar da política aos 16 anos. Costumava freqüentar algumas sessões da Câmara dos Vereadores, participava de manifestações, Conselhos Municipais, mas acredita que as transformações tornaram-se muito mais possíveis e efetivas quando passou a participar de organizações políticas de juventude.

Eu já participava de outros coletivos, antes de entrar no Levante. Muito por perceber a necessidade de estar em coletivo, de estar lutando em conjunto. Participava de ações políticas desde os 16 anos, mas sempre solitário e nunca via resultado. Comecei mesmo a ver resultados a ver a mudança acontecendo quando comecei a atuar em coletivo (JOSÉ, 24, LPJ).

A primeira organização de jovens da qual participou foi o Domínio Público, um movimento ligado ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), com uma atuação mais voltada ao movimento estudantil. No entanto, na qual não ficou muito tempo por divergências com a organização, ao entender que esta se configurava de forma muito verticalizada e centralista.

[...] a gente questionou algumas coisas, fez algumas conversas porque a gente estava percebendo que estava tendo uma verticalidade muito grande, que a gente participava do movimento e não estava sendo debatidas junto com a gente as pautas do

¹² Agenda Juventude Brasil: Pesquisa Nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros 2013.

movimento. A gente sentiu esse afastamento muito grande e quando a gente começou a pautar isso, a resposta, por mais que tenha sido pacífica, no interior de todo mundo que estava ali foi muito violenta. (JOSÉ, 24, LPJ).

Ele relata que a maneira como era tratado na organização foi bastante ruim, pois considerava que não possuía voz ativa, que seu papel era de mero cumpridor de tarefas, uma vez que as respostas já vinham prontas e com entendimento, por parte dos dirigentes.

Que foi o movimento, ao invés de esperar e sentar e tentar conversar com a gente sobre isso, eles já vieram com respostas prontas para nossas pautas, sem ouvir elas. Antes da gente levantar as pautas numa reunião, eles começaram a **dar resposta para as demandas que eles achavam que a gente tinha**, e isso foi desgastante lá dentro. (grifo meu) (JOSÉ, 24 LPJ).

Sua chegada no Levante aconteceu mediante aproximação de alguns militantes durante as manifestações de Junho. Identificou-se primeiramente com a concepção de Projeto Popular e de socialismo, tornando-se o primeiro a apresentar-lhe essa discussão, mesmo fazendo parte de uma organização de um partido socialista. Uma de suas preocupações, ao entrar para o Levante, foi verificar se a organização não reproduziria as mesmas características que lhe incomodaram no movimento anterior.

Pra mim, no Levante, como eu estava saindo um pouco desse trauma foi muito bom eu observar isso. Que sim, existia uma coordenação, que existia pessoas que sentava e conversava as pautas mais amplas, que tentavam dar um encaminhamento para a luta, mas todas essas pessoas estavam próximas, todas essas pessoas estavam ali participando da reunião de célula, e levavam para a reunião da coordenação o que eu estava pautando na célula. (JOSÉ, 24, LPJ)

Todavia, pode-se perceber que o Levante reproduz, em alguns aspectos, as mesmas características que incomodaram o militante na outra organização. Sobre o que acredita ser parecido no Levante, com relação a outras organizações, afirma que é a característica verticalizada “[...] Às vezes até um pouco da relação muito vertical que às vezes acaba aparecendo e que aparecia em outros.” (JOSÉ, 24, LPJ)

Chama a atenção como as práticas se reproduzem, é o que se constata no relato de José que afirma que os dirigentes de sua organização anterior “[...] dava resposta para as demandas que eles achavam que a gente tinha” (José, 24, LPJ), e que, em várias situações, fica evidente como prática do Levante. É o caso, por exemplo, de determinar quais são as pautas mais importantes para os jovens da periferia e a consideração de pautas que chamam de fortes e fracas, determinando o que é prioridade.

A chegada de João no Levante ocorreu através do convite de sua colega de sala do curso de Jornalismo, que lhe apresentou o movimento. Sua primeira participação foi na coleta de assinaturas para o plebiscito da constituinte exclusiva da reforma política, tendo ido logo em seguida para uma reunião em Brasília. Ele afirma que sempre se interessou por política, gostando de debater assuntos que considera relevantes para a sociedade, mas que, antes de sua participação no Levante, não conseguia compreender de maneira mais ampla as raízes dos problemas sociais. Afirma ter recebido bastante formação no Levante.

[...] Na realidade, são poucas pautas específicas para a cidade, na maioria são pautas para a sociedade mais ampla, a Uniso é um caso da cidade mas que demonstra algo que nós lutamos contra em nível nacional, que a universidade é elitista e não atende as demandas dos estudantes, principalmente as universidades privadas do país.

O Levante é a primeira organização política da qual João participa, sendo o que mais lhe chamou atenção foi o fato de ser um movimento social de jovens, com formas de atuação política voltada ao campo da cultura, com

atividades práticas e agitativas, que busca dialogar com os jovens com uma linguagem própria. A dinâmica cultural está bastante presente na atuação do LPJ, com intervenções culturais, místicas, saraus, músicas, batucadas, se apresentando para os jovens como uma linguagem mais atraente do que a linguagem utilizada no campo da política institucional. Essa linguagem procura imbricar o lazer e a política, trazendo para a política alguns aspectos do cotidiano juvenil.

O que eu mais gosto eu acho que é essa forma lírica de debater a política. É isso, tem uma companheira que fez uma fala em um vídeo bem interessante que é assim "A rotina ela já é pesada. Então se você for tentar debater política de uma forma pesada se torna insuportável". Debater política não precisa ser algo burocrático e exaustivo, mas pode ser um debate feito através de um poema, através de uma música, através de uma interpretação que, debater política deve ser algo intrínseco a nossa rotina e não algo fechado para determinado contexto, para determinado momento. E é basicamente isso, tornar a política algo mais palpável, mais próximo do cotidiano de cada um, principalmente da juventude, que talvez não veja na maioria das vezes a política como algo deles (JOÃO, 21, LPJ)

As pesquisas de Sposito (1993) e Abramo (1994) já evidenciaram a importância que os elementos culturais têm assumido para as novas formas de participação juvenis, criando espaços de sociabilidades e identidades coletivas, buscando formas diferentes de se apropriar e utilizar o espaço urbano. As formas tradicionais de participação têm despertado pouco interesse dos jovens, pois não têm sido capaz de dialogar com novas linguagens.

A pesquisa Agenda Juventude Brasil (SNJ, 2013) revela que a principal forma de participação que os jovens acreditam poder contribuir para melhorar o país é a atuação em coletivos, seguidos por mobilizações de rua. As formas tradicionais de representação política, como a participação em partidos políticos, aparece em último lugar. De forma geral, analisando as várias entrevistas dos integrantes do LPJ, percebemos que esses jovens têm muito interesse pela política, mas não se sentem representados pelo modelo político

mais tradicional, procurando no Levante reinventar formas diferentes de se relacionar com a política.

Fazer parte de uma organização coletiva como o LPJ, além de representar maior autonomia em relação ao mundo adulto, também é uma forma de garantir o protagonismo juvenil, o que ficou evidente quando João comenta sua participação na construção do acampamento estadual do Levante, evento realizado pelos próprios jovens do movimento.

Em dezembro, eu fiquei uma semana em São Carlos ajudando a construir o acampamento estadual que aconteceu lá. Foi também um processo muito dialético pra mim, a cada dia, vendo o trabalho em equipe e organização que o movimento tem, onde apenas jovens conseguem construir um acampamento do nada, e como isso envolve a organização mesmo do movimento, isso foi extremamente dialético e me fez apaixonar pelo movimento e querer participar dele (JOÃO, 21, LPJ).

Espaços como esses possibilitam práticas, representações, símbolos e rituais em que são constituídas e demarcadas as identidades juvenis, proporcionando certa autonomia em relação ao mundo adulto, no qual os jovens podem assumir o papel de protagonistas e criar uma visão sobre si e sobre o mundo. (DAYRELL, 2009) A construção da identidade e do pertencimento aparece como sendo um fator importante para esses jovens, sendo que “[...] alguns fenômenos coletivos implicam solidariedade, isto é, a capacidade dos atores de se reconhecerem e serem reconhecidos como parte da mesma unidade social.” (MELUCCI, 2001, p.35) e participar de um movimento social, como no caso do LPJ, possibilita aos jovens criarem essa identidade coletiva.

Em uma das falas de João, um aspecto que chama atenção é o papel que ele acredita que o Levante deve cumprir para ajudar os jovens a se enxergarem enquanto atores e sujeitos de suas próprias lutas, não esperando que alguém de fora represente seus interesses, reafirmando sua autonomia para propor as próprias demandas.

A ideia é nós mostrarmos para juventude (grifo meu) que ela é o sujeito da sua própria luta, a ideia é através da conscientização, com todas essas ferramentas que eu já falei, é mostrar para o jovem, para cada um, para cada garota, para cada cara, que eles são o sujeito do debate político. Que vai ser a partir da organização deles que a gente vai avançar com as nossas pautas. Então, a ideia é exatamente essa, através dos espaços, mostrar pra eles que não é alguém que vai vir falar por eles, mas eles que devem compreender a autonomia que eles tem como juventude exclaimar suas demandas (JOÃO, 21, LPJ).

É curioso observar que tanto no relato de João, quanto nos relatos de outros militantes, a forma como se referem aos jovens transmite certo distanciamento dos integrantes em relação aos demais jovens. Embora todos sejam jovens, observa-se, de maneira muito intensa nas falas, a perspectiva de levar algo para “a juventude”, como se não estivessem incluídos nessa categoria, carregando uma posição de vanguarda.

A aproximação de Joana do Levante aconteceu através de uma das integrantes do movimento, que substituíra a professora de Português na escola em que ela estudava. Como a relação entre as duas começara a se estreitar, Joana foi convidada a participar de uma das reuniões do Levante. Essa foi a primeira vez que participou de uma organização, porém, após entrar para o Levante, decidiu conhecer outros movimentos, como o Juntos, um movimento de juventude ligado ao Partido Socialismo e Liberdade, no qual participou de algumas reuniões, no entanto optou por continuar no levante.

A principal identificação que Joana teve com o Levante foi com a questão da diversidade, tanto no sentido dos sujeitos que integram a organização quanto pelas variadas bandeiras de lutas que defendem, pois dialogam com muitos movimentos sociais e não se prendem em reivindicações específicas.

O que eu mais gosto no Levante é as caras que a gente tem, vamos dizer, né. Assim, que nem o MST, querendo ou não ele tem um sujeito que é o sujeito sem terra, né, que é o sujeito camponês. E o Levante não, o Levante ele vem para organizar a juventude como um todo. Então, você sempre vai ver no Levante todas as caras, você vai

ver uma juventude sem teto, uma juventude sem terra, uma juventude do MAB, que foi removida do seu lago, que foi atingido por barragem. Você vai ver a juventude da periferia, do Hip Hop. Você vai ver todas as juventudes, o sujeito universitário, o secundarista né, os negros, né, que são geral também, os LGBTs. Então acho que essa diversidade que a gente tem dentro da nossa organização né, do Brasil inteiro também. (JOANA, 13, LPJ)

Ela acredita que o principal aspecto que diferencia o Levante de outros movimentos de juventude está relacionado ao fato deste não ser partidário e por atuar em muitos campos de lutas, como é o caso do “Juntos”, “Domínio Público” ou “União da Juventude Socialista”. Movimentos este que possuem vínculos partidários e focalizam suas atuações no movimento estudantil.

O Levante é bem diferente das outras organizações que eu já conhecia né, ele por não ser partidário, só por ele ser independente já me instigou bastante. E por esse negócio das pautas, que a gente tem de combate ao racismo, machismo e homofobia eu achei essencial, já que pra mudar a sociedade, mudar a nossa escola a gente tem que também se organizar (JOANA, 13, LPJ).

Para Guzzi (2010), estamos vivendo um período de transição rumo a formas múltiplas de participação, em que os jovens não se veem vinculados a uma consciência de classe, de pertencimento a partidos, mas de envolvimento em determinadas causas, como fica constatado no caso da Joana, se identificando muito com a diversidade de pautas que o Levante absorve.

Porém, não podemos afirmar que o LPJ é um movimento desvinculado de partidos ou independente, pois assim como no caso dos movimentos citados, que possuem uma relativa autonomia política em relação aos partidos, mas se mantêm vinculados a eles, o Levante também tem um laço estreito com um partido político, que é a Consulta Popular, e muitos dos jovens

que atuam no Levante também participam do partido ou pretendem participar, como é o caso da própria Joana.

Olha, eu não sei muito em que outros movimentos eu iria, mais assim, como eu acredito que a gente sempre está aprendendo coisas novas e se formando, eu acho que um espaço que eu gostaria de ir seria o Consulta Popular. Que é um partido que ele não é eleitoral, que várias juventudes do Levante Popular da Juventude constrói a Consulta Popular, ou não também. (JOANA, 13, LPJ).

A Joana, com treze anos de idade, é a integrante mais jovem do grupo e uma de suas dificuldades de militante está relacionada aos conflitos intergeracionais, principalmente com sua mãe, que tem dificuldade em aceitar sua participação no Movimento Feminista. Porém, o fato de ser jovem e somente estudar é um dos fatores que em sua perspectiva lhe possibilita participar da política.

Eu acho que uma das maiores dificuldades é que, se a gente está mudando tanto fisicamente quanto mentalmente, às vezes é difícil que um adulto ou uma pessoa mais velha compreender o que a gente passando. Às vezes compreende, porque um pessoa mais velha já passou por isso, mas tipo a minha mãe, a minha mãe ela não vê sentido, ela vive brigando comigo sobre o Movimento Feminista, mas é uma coisa que também atinge ela, coisa que ela nunca parou pra pensar sobre isso, que indigna ela, porque eu faço parte do Movimento Feminista, e ela não me entende. [...] E as vantagens (de ser jovem) é aquilo né, a juventude é fogo no pavil, a gente se propõem a fazer certas coisas e a gente tem disponibilidade porque muitas das juventudes, não todas, não trabalha, eu mesmo não trabalho e não tenho nem idade para começar a trabalhar (JOANA, 13, LPJ).

Cláudia, que foi uma das fundadoras do Levante em Sorocaba, conheceu o movimento em um acampamento estadual juntamente com sua amiga, e, após voltarem para a cidade, resolveram criar a primeira célula. O que

mais motivou Cláudia a participar do Levante foi a dinâmica cultural e a capacidade de organizar atividades práticas.

Bem diferente, muito mais prático, muito mais ativo, essa coisa da organização realmente acontece, né. Sendo que no movimento estudantil era uma crise pra mim que era só sofrimento. Toda vez era "Ai, vamos decidir isso mais a gente não é representativo" nunca tomava uma ação, nunca a gente fazia coisas práticas. Então, já no Levante eu percebi que as coisas aconteciam. (CLÁUDIA, 21, LPJ)

Além de participar do Levante, Cláudia continuou atuando no Centro Acadêmico do curso de Biologia da Ufscar, ressaltando sua preferência pela atuação no Levante por considerar que os jovens do movimento estudantil não possuem experiência de organização, sendo muito espontâneos e com pouca habilidade de encaminhamento de tarefas.

Não adianta a gente ficar falando da boca pra fora as coisas, né. Eu acho essa perspectiva da formação é algo diferente também. A galera do centro acadêmico não tem isso, sabe. E é muito espontâneo, é muito espontaneísmo, e no Levante não. A gente organiza todas as ações. Mesmo as ações que a gente faz rápido são baseadas em outras experiências que a gente teve. Eles são baseados na nossa formação, então, sempre é um espaço de aprendizagem e de colocar na prática também, e essa formação não ficar só no discurso. Pra mim é essa a diferença. (CLÁUDIA, 21, LPJ)

Por outro lado, os mesmos fatores que motivam Cláudia a participar do Levante é o que ela menos gosta no movimento, que é o fato de ter que assumir muitas tarefas, o que demanda muito tempo e causa muito desgaste. Essa reclamação apareceu em relatos de outros integrantes, que se queixaram, contudo, assim como ela, afirmaram ser muito importante cumprir tais as tarefas.

E o que eu menos gosto é que é muito tarefeiro, e às vezes as pessoas não conseguem dar conta de suas tarefas, embora eu saiba que alguém tem que fazer as tarefas, não reclamo disso, mas é difícil. É muita tarefa, a gente não dá conta e sempre esgota as pessoas. (CLÁUDIA, 21, LPJ).

É com essas atividades práticas e voltadas ao campo da cultura que eles conseguem desenvolver um maior diálogo com outros jovens da cidade. Chama atenção em sua fala a diferença na percepção, com relação ao aspecto que foi levantando anteriormente, sobre se colocarem na condição de distanciamento da condição de jovem. Na fala da Cláudia, destacada abaixo, esta busca enfatizar o fato dos integrantes do Levante também serem jovens, e que não seria papel deles transformar os outros jovens em militantes (construir outras pessoas), mas se fazer militantes juntamente com eles.

A gente responde assim, fazendo ações práticas. E geralmente quando as demandas surgem, são pessoas que estão próximas do Levante, elas se inserem nas tarefas, acho que é isso. **Não é que nós temos que construir as outras pessoas, porque nós também somos jovens, a gente constrói juntos com esses jovens.** Tipo, um jovem traz uma demanda e ele também se aproxima do processo e constrói junto (CLÁUDIA, 21, LPJ).

Nos últimos anos de sua graduação, sua presença no Levante não foi frequente, pois optou por direcionar sua militância para áreas que se aproximam da Biologia, como é o caso da Agroecologia. Ela pretende se aproximar do Movimento dos Sem-Terra, que considera uma militância muito mais difícil.

Como acabou de se formar, ela afirma que está vivendo um processo de afastamento do Levante, não por conta de qualquer divergência interna, mas por entender que é o momento de militar em outros espaços. Essa foi uma forma que Cláudia encontrou de conciliar seus compromissos acadêmicos com sua militância, pois logo terá, cada vez mais, que voltar sua atenção para questões do mundo do trabalho.

A minha participação no Levante? Agora é menos. Eu tenho tentado me concentrar nas coisas mais relacionadas mais na minha área. Dentro da minha área tem muita perspectiva da militância. Eu to vendo a Agroecologia, e a Agroecologia também é militante. E ela tá mais dentro da biologia. [...] Meu processo agora é que eu tô meio que saindo do Levante. Não saindo assim "não concordo com a organização" é preciso tocar coisas. Pra mim uma coisa tá ligada na outra. O Levante é uma referência pra mim, eu não tinha uma referência antes. [...] Daí eu vou talvez pra outros espaços, com o MST, que não é um espaço tanto como o Levante, é uma prática muito mais pesada do que o Levante, muito mais experiência que o movimento tem, né. (CLAÚDIA, 21, LPJ).

Maria entrou para o Levante em 2015, e a primeira vez que participou de uma atividade política foi durante as manifestações de Junho, quando se aproximou dos movimentos sociais. Sua primeira participação foi no Domínio Público, tendo ficado pouco tempo, por considerar muito academicista, gerando-lhe dificuldades em compreender os debates nas reuniões, principalmente por não ter muita experiência, o que contribuiu para que ela se afastasse. Conheceu a União da Juventude Socialista e foi participar de um congresso, sendo logo indicada para ocupar um cargo no movimento, mas no qual não ficou muito tempo por não ter afinidade com o projeto político do movimento.

Sua atividade preferida é a mística, que busca envolver os militantes através das percepções sensoriais e emocionais, o que para ela contribui para aproximá-la das questões discutidas nas reuniões. Assim como Cláudia e José, Maria não gosta muito de atuar no movimento estudantil, mas acaba fazendo por considerar importante cumprir as tarefas encaminhadas pelo Levante.

Eu gosto da mística. Eu gosto da mística porque mexe com a emoção e coloca você dentro das pautas da reunião, e o que eu menos gosto é do pragmatismo quando tem que fazer as coisas. Mas é porque tem que fazer, não porque é ruim, é o sistema. Disputar a UNE é um saco, mas eu sei que é importante disputar a UNE. (MARIA, 18, LPJ).

O Levante representou para Maria não apenas um espaço político, mas principalmente um ambiente de sociabilidades, onde foi possível estabelecer uma relação de amizade e afinidades, assim como criar uma identidade coletiva em torno de um grupo de pessoas.

Achar que estou fazendo uma mudança social, e agora eu tenho uma estrutura de amigos também. A amizade foi muito bom também. Antes eu me via sozinha, só eu me entendia. Eu me encontrei no projeto político, que eu não via nas outras entidades, mas ter amizade é ótimo. (MARIA, 18, LPJ).

Ela acredita que o Levante foi um espaço político que representou para si um meio termo entre um movimento muito teórico, que era o Domínio Público, desenvolvendo poucas ações práticas, e um movimento muito pragmático, como a União da Juventude Socialista, que centralizam seus esforços na conquista por espaços, preocupando-se muito pouco com a experiência e formação política de seus integrantes.

Depois eu conheci o Levante, e aí que eu percebi que eu não era nem o esquerdismo nem a UJS, que era o Levante, através do Projeto Popular. Esquerdismo porque ficam no campo das ideias, não tem prática. No Levante eu vejo práticas e não só teoria. (MARIA, 18, LPJ).

Em relação aos movimentos dos quais participou antes de entrar para o Levante, afirma que nenhum tinha como prática democrática a horizontalidade, ressaltando que, no Levante, apesar de também haver instâncias de vários níveis, o processo é mais democrático. É difícil saber o nível de horizontalidade e democracia dos outros movimentos, já que não realizamos estudos sobre estes, mas conforme o que fora pontuado anteriormente, o Levante é um movimento bastante centralista, que segue as orientações de instâncias superiores.

Nos outros movimentos que participei, que percebo que nenhum funciona horizontalmente, mas que no Levante tem mais democracia sim, mas como tem várias instâncias, tem a nacional, a estadual, e todos os movimentos tem isso, mas percebi que tem que ser assim mesmo, mas que tem que ser mais democrático também. (MARIA, 18, LPJ).

Como foi possível observar, os sentidos da participação nos permite compreender a riqueza de sentidos que se expressa na participação juvenil, por isso, vem sendo trabalhado em outras pesquisas sobre juventude, como no livro “Juventude em pauta: políticas públicas no Brasil” (PAPA, FREITAS, 2012), em que se encontram relatos sobre jovens militantes e suas motivações para o engajamento. Nesses relatos, jovens de diferentes movimentos falam sobre o significado de participar dos movimentos sociais, a importância da participação para sua formação pessoal, suas dificuldades de obter espaços no interior dos próprios movimentos e as lutas pela construção de espaços democráticos de intervenção.

Nos relatos dos jovens militantes do Levante, percebe-se que os sentidos da participação são bastante diversos, expressam trajetórias individuais que imprimem significados que só podem ser atribuídos pelos próprios sujeitos, refletindo seus desejos, conflitos e contradições. Sendo assim, para cada sujeito, vivenciar o Levante tem um significado diferente e mesmo tendo sentidos e objetivos em comum, cada um escolhe valorizar os aspectos que lhe são importantes e que possuem significados próprios.

Nas falas de Joana, percebemos que surgem referências ao convívio com a diversidade, protagonismo e autonomia em relação ao mundo adulto; Nas de Cláudia, se destaca bastante a questão das ações práticas; José ressalta de forma mais enfática a importância de estar organizado coletivamente; Nas de João, se destaca a questão do protagonismo juvenil e a política com aspecto do mundo jovem. Para Maria, a questão de fazer parte de um grupo e ter amigos próximos parece se destacar mais.

Os desafios de ser jovem e fazer política

Há vários desafios quando se trata da relação dos jovens com a política, sendo a participação um deles. O conceito de participação é tratado de forma muito alargada, sendo fundamental que esta vá além do participacionismo, em que os jovens são chamados a envolver-se em questões que não têm impacto nas decisões que afetam a vida das pessoas, mas participar de processos que influenciam no rumo das instituições (CARRANO, 2012).

Um dos principais problemas levantados pelos integrantes do LPJ é a dificuldade de diálogo entre os jovens e as instituições políticas, ou seja, a dificuldade destas em percebê-los enquanto interlocutores políticos. Esse problema, que está amparada pela percepção do jovem sob o olhar do estigma da imaturidade e inexperiência, dificulta a interlocução e o reconhecimento dos jovens enquanto uma categoria social capaz de propor e refletir sobre suas próprias demandas. (ABRAMO, 1997).

Nos relatos, pode-se perceber que a juventude ainda é vista, pelas instituições, com uma das barreiras. É o que se consegue aferir na fala de José, que nos relata o caso de uma jovem do LPJ que fora desqualificada pela câmara dos vereadores por conta de sua idade.

Pra mim hoje, jovem tem tanta relação sim com a idade, porque a idade gera várias barreiras pra você, mesmo na política, que foi uma coisa que a pouco tempo aconteceu uma coisa aqui em Sorocaba, de uma militante nossa estar na praça fazendo uma atuação política, que era recolher votos do plebiscito, dar uma entrevista para o Cruzeiro do Sul sobre isso e sobre os vereadores não ouvirem a população, e a resposta dos vereadores foi que por ela era jovem demais ela não sabe nada disso (JOSÉ, 24, LPJ).

Essa visão que a Câmara dos Vereadores tem sobre os jovens é distorcida e não considera que estes tenham algo a dizer, o que para José seria uma das maiores desvantagens em ser jovem e fazer política. Porém é preciso

levar em consideração que a dificuldade de diálogo com a Câmara não atinge somente aos jovens, mas a diversas categorias, no entanto, certamente os jovens são os mais afetados.

Essa é uma barreira gigante de você ser jovem, de você chegar na Câmara Municipal e querer fazer uma fala, e todo mundo ver que é uma pessoa mais jovem e virar a cara e dane-se o que ele tem a falar, é só alguém que vai falar coisas idiotas. Não sabem nada da vida ainda. (JOSÉ, 24, LPJ).

Maria corrobora essa ideia, afirmando que a maior dificuldade em ser jovem e fazer política está no fato do jovem não ser levado a sério, dado existirem certos estereótipos associando os mesmos à bagunça e à baderna. Esses estereótipos estão relacionados às representações sociais discutidas no primeiro capítulo dessa pesquisa, tratando os jovens como alguém em fase problemática e imatura, visão esta que ainda é muito presente.

É que ninguém leva a gente a sério, essa é a maior dificuldade "são tudo bagunceiros, baderneiros". A maior vantagem é que a gente pode errar, é mais fácil ser jovem e arriscar as coisas (MARIA, 18, LPJ)

Apesar das dificuldades, os jovens enxergam na participação política uma importante experiência de organização coletiva, tendo a possibilidade de sentirem-se atores políticos capazes de interferir em suas realidades. Para Cláudia, atuar no LPJ é se colocar como protagonista da construção de um projeto político popular para o Brasil.

Eu acho que isso é o mais legal do Levante, colocar nós como sujeitos de construir o Brasil. Que é uma coisa que a gente sempre fala, a juventude do projeto popular, então a gente constrói o projeto popular para o Brasil (CLÁUDIA, 21, LPJ).

Participar de um movimento social, principalmente como um movimento que atua em nível nacional, fortalece ainda mais essa percepção de ser capaz de interferir na realidade do país. Afinal esses jovens acabam estabelecendo uma rede de contatos que os aproxima de jovens que estão inseridos em lutas voltadas para a política nacional, criando a sensação de que a política é mais próxima, por isso factível de intervenção.

Agora eu enxergo realmente como eu sendo um participante dessa disputa política e com muito mais aprofundamento sobre todas as divergências existentes, todos os conflitos que existem. (JOÃO, 21, LPJ)

Portanto, nessa relação dos jovens com a política há alguns desafios que se apresentam de forma mais enfática, e talvez o mais desafiador deles seja a dificuldade de reconhecer os jovens enquanto sujeitos, o que coíbe sobremaneira a ampliação da participação juvenil, impossibilitando o alargamento dos espaços de intervenção e, conseqüentemente, reduzindo o poder de influir nas decisões.

O caráter educativo do Levante

Os movimentos sociais assumem um papel importante no processo educativo, principalmente pela forma como têm se mobilizado em torno das lutas pela sobrevivência, colocando como questão central a humanização das condições de vida. (ARROYO, 2003) Tais movimentos podem contribuir para reafirmar o direito de produzir uma existência consciente, em que o direito à vida e o direito a ser estejam acima do direito a ter, produzindo outra relação entre os seres humanos (MELUCCI, 2010), fazendo, assim, desabrochar novos valores e saberes.

A presença dos jovens no LPJ se apresenta como uma atuação política, mas também oportuniza inserirem-se num processo educativo de

natureza dialética, em que as lutas por transformações na sociedade transformam os próprios sujeitos que estão lutando, proporcionando conhecimentos, experiências e saberes que só podem ser adquiridos nesses espaços.

A sociedade contemporânea tem possibilitado aos atores sociais, de forma cada vez mais crescente, a condição de intervir na sua formação e na orientação de suas ações, e ainda na construção da experiência, algo que tem passado crescentemente pelo investimento cognitivo, cultural e material. Enquanto no passado o processo de socialização era considerado a transmissão básica de regras e valores pelas instituições, agora há uma possibilidade de redefinição e invenção de capacidades de aprendizado (MELUCCI, 2007). É certo e importante observar que isso não acontece do mesmo modo para os diferentes sujeitos: há muitos limites impostos pelos constrangimentos estruturais infligidos pelo tipo de sociedade desigual em que se vivemos.

Essas transformações exigem que todos se debrucem a analisar a socialização sob novas perspectivas, ampliando os olhares para “[...] outros agenciamentos presentes na formação e no desenvolvimento das novas gerações.” (SPOSITO, 2003, p.212). Isso não significa negar a influência das estruturas ou instituições tradicionais de socialização na constituição dos valores e visões de mundo dos indivíduos, mas compreender que “[...] daqui em diante o espaço da iniciativa individual não para de crescer no seio de cada situação socialmente definida”, (DUBET, 1997, p.246).

Borges (2012), jovem feminista e integrante da coordenação do Fórum Nacional de Juventude Negra, relata que sua participação em coletivos e movimentos teve um papel fundamental na sua vida, contribuindo de maneira significativa para a constituição de quem ela é, afirmando o seguinte: “Tornei-me quem sou participando... da vida, do mundo, dos movimentos sociais e culturais, dos espaços de religiosidade e da academia”. (BORGES, 2012, p. 208).

Nas entrevistas com os jovens do Levante, todos os entrevistados apontaram o LPJ como um espaço importante de formação, que contribuiu na construção de suas visões de mundo e na formação de valores como solidariedade, respeito, companheirismo, etc. Os espaços de sociabilidades no

interior do movimento, se apresentam como uma possibilidade de construção de uma vida mais consciente, na qual a reflexão e a ação fazem parte do processo de constituição dos sujeitos. No relato de José, este deixa claro que uma das preocupações centrais do Levante é com a formação desses valores e que isso é trabalhado de muitas maneiras no movimento.

Isso vem muito do que encontrei que foi, já que como a gente tem um projeto popular, uma das pautas desse projeto também é a reconstrução de valores, então o tempo todo é pressionado, tem uma série de metodologia de educação para ganhar certos valores novos, de respeito, de companheirismo, que é muito forte dentro do Levante (JOSÉ, 24, LPJ).

Scherer (2006), ao estudar as novas formas de associativismo e articulações em redes, mostra que, nos últimos anos, formas de ativismos que se sustentam sob o alicerce dos valores da democracia, da solidariedade e da cooperação, vêm crescendo de forma significativa, o que se constitui também como uma forma de saber. No relato da Cláudia, que chama atenção para a questão do individualismo presente na sociedade, esta destaca a importância das ações e experiências que vivenciou no LPJ como forma de fortalecimento de seus valores de solidariedade e cooperação.

Pra mim o que é diferente no Levante é a questão que a gente não é individualista. Vê a questão do individual, também o indivíduo constrói, mas não é um individualismo. Também essa coisa de querer reconstruir os valores, sempre quando você vai fazer uma atividade todo mundo faz a atividade. Não vou contratar alguém pra limpar a sujeira que eu fiz, não, eu vou limpar. Então é reconstruir os valores também, isso é importante! (CLÁUDIA, 21, LPJ).

Os militantes do Levante dão extrema atenção à questão dos valores e assumem como uma prática o que chamam de eliminação das

contradições, que implica na reflexão sobre atitudes que entendem que não condizem com os valores de sua organização, como a expressão dos comportamentos machistas, homofóbicos e racistas.

Essas contradições costumam aparecer no interior do movimento, pois refletem os valores adquiridos em sociedade, mas que podem se transformar numa oportunidade de novas experiências a partir do momento em que esses espaços se transformam em um ambiente de reflexão consciente das práticas e costumes do nosso dia a dia. O relato de Joana expressa a importância que tem para os militantes o cuidado em não reproduzir práticas contraditórias com a luta contra as opressões, como atitudes machistas, homofóbicas, racistas, transfóbicas, etc.

O Levante assim, a gente tem muito cuidado com a organização em si. O acompanhamento dos militantes, assim. Se a gente fala sobre o feminismo na nossa organização, a gente tem que deixar claro porque a gente não vai aceitar falas machistas, atitudes muito machistas desagradáveis dentro da nossa organização. Como os homens, tanto com as mulheres, a gente vai ter que ter um acompanhamento, assim. Então, eu me sinto muito a vontade no espaço do Levante, que eu não me sinto tão a vontade em outros espaços públicos [...] (Joana, 13, LPJ).

A participação no LPJ se apresenta não apenas como um espaço de formação política, mas principalmente comprometido com uma formação humanitária. Nos relatos de João e Cláudia, fica clara a contribuição dessa participação nas suas formas de enxergarem o mundo.

Que uma vida seja mais importante do que dinheiro, que haja uma transformação, tanto física, institucional, mas também uma transformação de valores, uma transformação cultural que tem em primeiro lugar o povo (JOÃO, 21, LPJ).

Mas o que eu acredito que trouxe pra mim é isso, me construiu muita coisa, o jeito que eu vejo o mundo mudou muito depois do Levante, e isso eu acho que é pra vida toda (Cláudia, 21, LPJ).

A despeito dos limites e das contradições apontadas, participar de um movimento social para os sujeitos aqui investigados constituiu-se em experiências de vivência significativa de vivências e convivências, de conhecer o mundo sob diversas perspectivas, desenvolvendo a alteridade e compromisso com a sociedade em que estão inseridos.

Considerações finais

A proposta deste trabalho foi analisar a participação dos jovens no contexto das novas formas de ações coletivas, procurando entender que transformações ocorridas na sociedade diminuíram a influência das instituições socializadoras, inclusive da instituição escolar, transcorrendo de maneira muito mais orientada pelo sujeito em diversos ambientes (DUBET, 1997). Sendo assim, optou-se por pesquisar um espaço constituído por jovens, mas que estivesse fora dos muros escolares, escolhendo, assim, um movimento de juventude.

Algumas referências teóricas da pesquisa possibilitaram compreender a relação dos jovens com a sociedade, percebendo que a juventude é uma construção social moderna, constituída historicamente por diversas representações sociais, o que dificultou, em muitos aspectos, que os jovens fossem encarados enquanto sujeitos (Peralva, 1997, Abramo, 1997). Essa dificuldade perpassou as várias instituições de nossa sociedade, impossibilitando que os jovens tivessem voz, levando a juventude a ser encarada como fase problemática pelas famílias ou como fase de badernas e inconseqüências pelas instituições políticas, ou ainda como fase inacabada pela instituição escolar.

Essas representações, muitas das quais ainda presentes em nossa sociedade, podem obscurecer a compreensão da participação juvenil e dos jovens como atores coletivos em vários momentos históricos. Alguns estudos também evidenciaram a importância em ampliar a compreensão da participação juvenil e em não tomar o engajamento ou a participação de um ou outro segmento juvenil como sendo válido para toda a juventude ou para toda uma geração. O movimento estudantil, protagonizado por jovens estudantes universitários da classe média na década de 1960 (Foracchi, 1964, 1972), importante na luta contra a ditadura militar no país, não pode ser tomado como modelo de análise de outros movimentos e períodos históricos.

Abramo (1994) e Sposito (2000) ao pesquisarem novas formas de ações coletivas surgidas nas décadas de oitenta e noventa, em momento em que a sociedade afirmava, de modo genérico, que os jovens eram apáticos,

desinteressados e individualistas, identificaram novas formas de participação. As autoras perceberam nesse momento jovens trabalhadores e moradores de regiões periferias das cidades organizando-se em novos formatos, com dinâmicas mais voltadas ao campo da cultura, criando novos espaços de sociabilidades e identidades coletivas.

Análises recentes (IBASE, 2005, LANES, 2012, SNJ, 2013) têm evidenciado que a descrença de parcela significativa dos jovens em relação as instituições políticas não implicou no descrédito total da política, pois muitos ainda percebem a política como um meio de transformação da realidade. A questão é que grande parte deles não aposta nas instituições representativas como possibilidade de mudança buscando outros modos de engajamento e dialogando com questões que vão além da disputa pelo controle das estruturas do Estado, como o direito à cidade, liberdade sexual, software livre, direito ao transporte público, expressão cultural, enfim, criando espaços de sociabilidades, identidades, expressões e aprendizados.

A partir dessas análises iniciais buscamos compreender o Levante Popular da Juventude, um movimento de jovens que surgiu no contexto de novas ações coletivas, que adota uma estrutura de organização tradicional, verticalizada, mas que se apropria desses novos elementos, ao mesmo tempo em que apresenta contradições a partir da reprodução de velhos vícios da política, especialmente da política partidária.

As contradições apareceram em diversos momentos da pesquisa, com a organização assumindo alguns discursos de horizontalidade, autonomia e protagonismo juvenil, mas dialogando pouco com as demandas mais específicas dos jovens e suas necessidades, estabelecendo como prioridade suas próprias bandeiras de luta e pautas que entendem ser mais importantes para a juventude.

Ao mesmo tempo em que dialoga com novas formas de ações coletivas, que se organizam de maneira horizontal, sua estrutura de organização resgata aspectos bastante tradicionais, incorporando modelos de séculos passados, optando por uma forma de funcionamento mais centralista, o que dificulta que os jovens possam expressar, dentro do Levante, suas próprias demandas. Por outro lado, na perspectiva dos integrantes do movimento, sua forma de atuação mostrou-

se capaz de traduzir e levar a política para mais próximo aos jovens, fazendo com que estes percebam como os fatos políticos chegam à suas vidas. Assim, atuando como um movimento que politiza e contribui para o que chamam de conscientização política dos jovens. Não é possível perceber se de fato os demais jovens que participaram de ações do Levante também teriam essa mesma percepção, dado os limites dessa pesquisa, mas ao que parece, essa maior aproximação com a política aconteceu para os integrantes do Levante aqui investigados.

Sua atuação também demonstrou contribuir para o descortinamento de questões que, muitas vezes, são pouco visíveis na cidade, gerando debates em torno da qualidade dos serviços públicos, questionando espaços abandonados, reivindicando mais atenção ao lazer e lutando para que os jovens tenham o direito à cidade.

Os jovens que participam do LPJ demonstram ter consciência de seu papel enquanto agentes políticos e cidadãos, dispendo-se a compreender e discutir os problemas da cidade e do país. Isso não tira o caráter conflituoso que se estabelece no diálogo entre os jovens e as instituições políticas, o que revela apenas as dificuldades que tais instituições têm de enxergá-los enquanto sujeitos políticos.

Em alguns momentos, seus integrantes relatam as dificuldades de relacionar-se com as instituições políticas da cidade, como a Câmara dos Vereadores e sindicatos, nas quais a condição de ser jovem se torna um entrave para se constituir em ator político. No entanto, também percebemos que a juventude possibilitava um envolvimento mais intenso com a vida política, especialmente no caso daqueles que ainda não vivenciavam de maneira intensa os compromissos com as esferas familiar e do trabalho.

De modo geral, pelos relatos dos entrevistados, participar do LPJ significa construir laços de amizade, alguma relação de autonomia em relação ao “mundo adulto”, a vivência de um espaço de experiências diversificadas, e a possibilidade de se perceberem enquanto sujeitos políticos. Mas para cada integrante alguns desses aspectos podem ser mais ou menos destacados, a depender do momento de vida e das experiências (ou não) de participação em outros espaços e movimentos. Para uma das integrantes mais jovens do movimento, por exemplo, a possibilidade de construir-se de maneira mais autônoma em relação

à família, especialmente em relação à mãe e aos seus valores foi um dos aspectos valorizados na participação não apenas no Levante, mas também em outros movimentos.

Para além de evidenciar novos modos de participação, ao lado da persistência de velhas formas de fazer política, mesmo em um movimento constituído por jovens, o olhar para o Levante Popular da Juventude também permitiu perceber a dimensão educativa dos movimentos. A própria percepção que muitos deles tinham das contradições vividas no Levante já aparece como um aprendizado relevante. Ainda que não tenhamos realizado uma análise aprofundada dos saberes produzidos no Levante, o que pode ser objeto de pesquisas futuras, este estudo permitiu afirmar que refletir sobre a participação juvenil na esfera pública é um movimento potente para compreender muitos dos desafios vividos pela própria escola e por nossa sociedade de maneira mais ampla.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo: ANPED/PUC-SP, n. 5 e 6, p. 25-36, 1997. Número especial: Juventude e Contemporaneidade.

_____. **O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro**. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa (2005): 19-35.

_____. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. Scritta, 1994.

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. **Ampliação do acesso ao ensino superior privado lucrativo brasileiro: um estudo sociológico com bolsistas do Prouni na cidade de São Paulo**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ARROYO, Miguel Gonzáles. Pedagogias em movimento—o que temos a aprender dos movimentos sociais. **Currículo sem fronteiras**, v. 3, n. 1, p. 28-49, 2003.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. **Retomada de um legado intelectual**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, p. 1-2, 2005.

ARAÚJO NETO, Adalberto Coutinho de. Sorocaba operária: ensaio sobre o início do movimento operário em Sorocaba 1897-1920. **Sorocaba, SP: LINC**, 2005.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora JC, 1981.

BENOIT, Hector. **Teoria (dialética) do partido ou a negação da negação leninista**. Outubro, v. 11, n. 2, 1998.

BORGES, Larissa Amorim. **“Eu não tô doida sozinha”**. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; FREITAS, Maria Virgínia de (Orgs). *Juventude em pauta* (livro eletrônico): políticas públicas no Brasil. São Paulo: Peirópolis, 2012.

Secretaria Nacional de Juventude. **Agenda Juventude Brasil: pesquisa nacional sobre o perfil e opinião dos jovens brasileiros**/ Secretaria Nacional de Juventude. – Brasília: SNJ, 2014.

BRENNER, Ana Karina. **Militância de jovens em partidos políticos: um estudo de caso com universitários**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil. O longo caminho**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CARRANO, Paulo. **A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes.** *O Social em Questão* 27 (2012): 83-99.

_____. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **Jovens em três tempos: mobilizações no Brasil ontem e hoje.** *Revista ComCiência*, Dossiê Cultura Política, No. 167- 10/04/2015. Disponível na internet: <http://.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=112&id=1349> Consultado em 18/12/2015.

CASTELLS, Manuel.; EM REDE, A. *Sociedade.* São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002. **Redes de Indignação e Esperança.**

CASTRO, Lucia Rabello de. **Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum.** *Revista de Sociologia e Política* 16.30 (2008): 253-268.

CELIBERTI, Lilian. **Atores, práticas e discursos da participação.** Os sentidos da democracia e da participação. São Paulo: Instituto Polis, 2005.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Da adolescência em perigo à adolescência perigosa.** *Educar em Revista* 15.15 (1999).

CORROCHANO, Maria Carla. **O trabalho e a sua ausência:** narrativas de jovens do Programa Bolsa Trabalho no município de São Paulo. São Paulo, USP [Tese de doutorado], 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução de Ana Regina Lessa e Helóisa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; GOMES, Nilma Lino. **A juventude no Brasil.** Observatório da juventude, 2009.

_____. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

_____. **O jovem como sujeito social.** Juventude e Contemporaneidade. - Brasília: Unesco, Mec, Anped, 2007. (Coleção Educação para Todos; 16).

_____. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade.** Observatório da juventude, 2004.

DIAS, Luiz Antônio. **Política e Participação Juvenil: os "caras-pintadas" e o movimento pelo impeachment.** História Agora, v. 4, 2008.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, v. 115, n. 1, p. 139-54, 2002.

DUBET, François; MARTUCCELLI, Danilo; and Danilo MARTUCCELLI. **A socialização e a formação escolar.** *Lua nova* 40.41 (1997): 242-266.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. **O conceito de geração nas teorias sobre juventude.** Sociedade e Estado, v. 25, n. 2, p. 185-204, 2010.

FORACCHI, Marialice Mencarini. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira.** Companhia editora nacional, 1965.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios/Paulo Freire.**- 5.ed – São Paulo, Cortez, 2001.

PAPA, Fernanda de Carvalho; FREITAS, Maria Virgínia de (Orgs). **Juventude em pauta (livro eletrônico): políticas públicas no Brasil.** São Paulo: Peirópolis, 2012.

GUZZI, Drica. Web e participação: a democracia no século XXI. **São Paulo: Editora Senac São Paulo**, 2010.

GROPPO, Luís Antonio. **O funcionalismo e a tese da moratória social na análise das rebeldias juvenis.** Estudos de Sociologia, v. 14, n. 26, 2009.

_____. **Juventude: Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

_____. **Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes.** Última década, v. 18, n. 33, p. 11-26, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos.** 1º Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

_____.; BRINGEL, Breno M. **Movimentos sociais na era global.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **Movimentos sociais na contemporaneidade.** Revista Brasileira de Educação, v. 16, n. 47, p. 333-361, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 1997.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. Boitempo Editorial, 2013.

_____. **O direito à cidade**. Lutas Sociais-Desde 1996-ISSN 1415-854X, n. 29, p. 73-89, 2012.

KRAUSKOPF, Dina. **Dimensiones críticas em La participación social de lãs juventudes**. En publicación: Participación y Desarrollo social em La adolescência. San José: Fondo de Población de Naciones Unidas 1998.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. **Doc do II acampa**. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=w1CvvDWkd_0. Acesso em: 12 de mar. 2015.

MADEIRA, Felícia. Reicher. **Os jovens e as mudanças estruturais na década de 70: questionando pressupostos e sugerindo pistas**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, nº58, p. 15-48, ago. 1986.

MARGULIS, Mario; ARIOVICH, Laura. **La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. Editorial Biblos, 1996.

MARTINELLI, M.L. **Pesquisa qualitativa- um instigante desafio**. São Paulo: Editora Veras, 1999.

MARTINS, José de Souza. **Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINS, Heloisa Helena Teixeira de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e pesquisa, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.

MENDES, Juliana Thimóteo Nazareno. **Juventude e geração: a relação entre presente, passado e futuro**. V Jornada Internacional de Políticas Públicas. 2011. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/QUESTOES_DE_GENERO_ETNIA_E_GERACAO/JUVENTUDE_E_GERACAO_A_RELACAO_ENTRE_PRESENTE_PASSADO_E_FUTURO.pdf> Acesso em 05 jul. 2015

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**/ Alberto Melucci; tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **Juventude, tempo e movimentos sociais**. Juventude e contemporaneidade. – Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284 p. – (Coleção Educação para todos; 16).

_____. Um objetivo para os movimentos sociais?. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 17, p. 49-66, 1989.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA. **Projeto Popular**. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/projeto-popular/>> Acesso em: 18 de Jan. 2016.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 2, 1996.

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. **Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas**. Revista Sociologia Especial–Ciência e Vida. São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Igor Thiago Moreira. **Uma "praia" nas Alterosas, uma "antena parabólica" ativista: configurações contemporâneas da contestação social de jovens em Belo Horizonte**. 2012.

PAIS, José Machado. **A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse**. *Saúde e Sociedade* 18.3 (2009): 371-381.

PERALVA, Angelina Teixeira. **O jovem como modelo cultural**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 1997, n.05-06, pp. 15-24. ISSN 1413-2478.

PEREIRA, Simone Luci. **Imprensa e Juventude nos anos 50**. In:INTERCOM–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2001.

RAMOS, Frederico; KOGA, Dirce. **Trajetórias de vida**. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 106, p. 335-364, abr./jun. 2011 335.

RIBEIRO, Eliane; LÂNES, Patrícia; CARRANO, Paulo. **Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas–relatório final**. Rio de Janeiro: Ibase. 2005.

ROCHA, Heber Silveira. **FORMAÇÃO DE AGENDA DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE NO GOVERNO LULA**. *Revista Juventude e Políticas Públicas*, v. 1, n. 1, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. *Novos estudos-CEBRAP*, n. 79, p. 71-94, 2007.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais**. *Sociedade e estado*, v. 21, n. 1, p. 109-130, 2006.

SILVA, Ivanilson Bezerra da. **A cidade, a Igreja e a Escola: relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de pesquisa**, v. 112, n. 1, p. 7-22, 2001.

SOUZA, Patrícia Lânes Araújo de. **A participação nas políticas públicas de juventude: caminhos trilhados, caminhos a construir**. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; FREITAS, Maria Virgínia de (Orgs). *Juventude em pauta* (livro eletrônico): políticas públicas no Brasil. São Paulo: Peirópolis, 2012.

SPOSITO, Marília Pontes. **Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola**. *Revista USP* 57 (2003): 210-226.

_____. **Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação**. *Revista Brasileira de Educação*, v.13, p.73-94, 2000.

_____. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 36, n. especial, p. 095-106, 2010.

_____. **Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras**. Global Editora; FAPESP, 2007.

_____. **A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade**. *Tempo social*, v. 5, n. 1/2, p. 161-178, 1993.

_____. SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventude e políticas públicas no Brasil**. Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em Educação, 2006.

VER(A)CIDADE. **A veracidade**. Disponível em: <http://veracidade.eco.br/a-veracidade/>. Acesso em: 05 mar. 2015.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Rev Socerj**, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.

VENTURI, Gustavo; TORINI, Danilo. **Transições da escola para o trabalho dos jovens homens e mulheres no Brasil**. 2014.

ANEXOS

ANEXO 1- QUESTIONÁRIO DAS ENTREVISTAS

Entrevista

- 1) Nome/ idade/ profissão?
- 2) Quando você começou a participar? Você foi convidado por alguém?
- 3) O que te mobilizou e como você entrou para o Levante Popular da Juventude?
- 4) Antes você participava de algum grupo, organização ou movimento? Você conhece outros espaços de participação?
- 5) O que é diferente no Levante? Porque você veio para o Levante? Quais as diferenças com outros movimentos e o que não é diferente?
- 6) Como é a sua participação no Levante?
- 7) O que você mais gosta e o que você menos gosta no Levante?
- 8) Como é o Levante aqui em Sorocaba? Que atividades vocês fazem e como elas são realizadas? O que você mais gosta de fazer e o que você menos gosta?
- 9) Além do Levante, você participa ou gostaria de participar de algum outro movimento? Qual? Por quê?
- 10) Quais as principais bandeiras e como elas foram definidas? Existem bandeiras específicas de Sorocaba?
- 11) O que é ser jovem para o Levante? Existe um debate no Levante a respeito da juventude? E para você, como você avalia esse momento da vida?
- 12) Quais as principais questões que afeta os jovens hoje na perspectiva do Levante? E na sua perspectiva?
- 13) Quais é a maior dificuldade e vantagem de ser jovem hoje?
- 14) Vocês fazem algum tipo de atividade com jovens? Com quais jovens vocês trabalham? Porque com esses jovens?
- 15) Quais demandas que esses jovens trazem para vocês? Como vocês dialogam com esses jovens? Como vocês trabalham as demandas?
- 16) O que foi para você entrar no Levante e até quando você pretende ficar? Tem uma idade ou momento para sair do Levante? Por quê? E para onde você pretende ir depois?

ANEXO 2- FORMULÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Entrevista número: _____

Data da entrevista: _____

1. Nome: _____

2. Data de nascimento: _____

Idade: _____

3. Local de nascimento (Cidade/ Estado)? _____

4. Sexo/ Gênero: () Feminino () Masculino () Transexual () Transgênero

5. Como você se define em termos de cor/ raça?

() Branca () Preta/Negra () Parda () Indígena () Amarela ()
Outros _____

6. Você mora onde? (Bairro) _____

7. Você mora com?

() Pais () Só com pai () Só com a mãe () Companheiro/a () Companheiro/a e filhos ()
) Com filhos
() Parentes () Amigos () Sozinho () Outros _____

8. Quantas pessoas trabalham na sua casa? Quem são elas? _____

9. Qual a renda da família?

() Menos de 1 salário mínimo (Até 788,00) () De 11 a 15 salários mínimos (8.668,00
até 11.820,00) () De 1 a 3 salários mínimos (788,00 até 2.364,00) () Mais de 15 salários
mínimos (Mais de 11.820,00)
() De 4 a 6 salários mínimos (3.152,00 até 4.728,00) () Não sabe
() De 7 a 10 salários mínimos (5.516,00 até 7.888,00) () Não quis responder10. Estado civil: () Solteiro/a () Casado/a () União Estável () Divorciado ()
Viúvo

11. Tem filhos? Quantos? Qual idade? _____

12. Qual a sua religião?

13. Você estuda? Qual curso/ série/ ano?

14. Se não estuda, qual a sua escolaridade?

() Ensino médio incompleto () Ensino superior incompleto () Pós-graduação incompleta

() Ensino médio completo () Ensino superior completo () Pós-graduação completa

15. Fez algum curso? (computação, línguas etc.)

() Sim () Não

16. Você já participou de algum grupo/organização/movimento antes do Levante?

() Sim () Não

Qual?

Quando?

17. Quantos anos tinha quando entrou para o Levante?
